



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



**Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas**

LETRAMENTO NA ESCOLA INDÍGENA KAIAPÓ

por

Maria Lucia Gomes da Silva

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística

Orientadora Prof. Doutora Tania Clemente de Souza

Rio de Janeiro, 2018

## LETRAMENTO NA ESCOLA INDÍGENA KAIAPÓ

**Maria Lucia Gomes da Silva**

**Orientadora: Profa. Dra. Tania Conceição Clemente de Souza**

Dissertação de Mestrado submetida ao Mestrado Profissional em Linguística e Línguas Indígenas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística e Línguas Indígenas.

Examinada por:

*Tania Conceição Clemente de Souza*

---

Presidente - Profa. Dra. Tania Conceição Clemente de Souza (PROFLIND- MN- UFRJ)

*Rosane da Conceição Pereira*

---

Profa. Dra. Rosane da Conceição Pereira (UNIVERSO)

*Evandro de Sousa Bonfim*

---

Prof. Dr. Evandro de Sousa Bonfim (PROFLIND- MN- UFRJ)

---

Profa. Dra. Marcia Maria Damaso Vieira (PROFLIND- MN- UFRJ) (suplente)

---

Prof. Dr. Juciele Pereira Dias (PPGCL-UNIVÁS) (suplente)

**Silva, Maria Lucia Gomes da**

S5861 Letramento na escola indígena Kaiapó/ Maria Lucia Gomes da Silva.-- Rio de Janeiro, 2018.

71f. : il. (color.)

Orientadora: Profa. Dra.Tania Conceição Clemente de Souza.

Dissertação (mestrado profissional) em Linguística e Línguas Indígenas – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1.Letramento. 2. Método construtivista de Emília Ferreiro. 3. Ensino Fundamental Indígena Bekwynhmexti. I. Souza, Tania Conceição Clemente de. II. Título.

**CDD 498**

## **DEDICATÓRIA**

**A minha mãe, Maria Gomes da Silva (em memória) pelo exemplo de garra e determinação, que me passou durante sua jornada de vida.**



## **AGRADECIMENTOS**

### **Sou Profundamente Grata...**

...a Deus, por ter - me concedido inteligência e a oportunidade de produzir mais um trabalho no curso de Linguística e Línguas Indígenas;

... à UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), aos nossos mestres queridos, que incansavelmente nos proporcionaram uma troca de saberes;

...aos meus colegas de sala, incluindo Rinaldo e Benesute (em memória), pelo companheirismo no percurso desta jornada;

...aos meus pais, Maria e Sebastião (em memória) que estiveram presentes em todo meu desenvolvimento pessoal e intelectual me fazendo acreditar não ser a melhor, mas a fazer o melhor e pelo amor incondicional;

...a minha orientadora, professora Doutora Tânia Clemente, porque graças a sua parceira pude concluir meu trabalho acadêmico.

Ninguém Vence Sozinho...**OBRIGADA A TODOS.**

## **EPÍGRAFE**

**Escrevendo ou lendo nos unimos para além do tempo e do espaço, e os limitados braços se põem a abraçar o mundo; a riqueza de outros nos enriquece a nós.**

**Silva, Agostinho**

## RESUMO

O trabalho intitulado. “Letramento na Escola Indígena Kaiapó” tem como objetivo analisar como ocorre a aquisição da leitura e escrita nas séries iniciais de uma escola indígena. Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizou-se um estudo bibliográfico e a pesquisa de campo, com a utilização da técnica da observação e intervenção assistemática. A pesquisa de campo se deu com abordagem quantitativa e qualitativa, a partir da aplicação de questionários constituídos de perguntas para cada categoria, e foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Bekwynhmexti, situada a 128 km (cento e vinte oito quilômetros) da sede do município de São Félix do Xingu - PA, com vinte (20) alunos e dois (2) professores, a fim de refletir sobre a temática norteadora que se constitui na relevância da aquisição da leitura e escrita no ensino Bilíngue no âmbito escolar. A Leitura e escrita nas séries iniciais, desperta a curiosidade de muitos autores que atestam a sua relevância em ampliar o entendimento e avanço linguístico diverso.

**Palavras-chave:** Letramento, Método construtivista de Emília Ferreiro, Ensino fundamental indígena Bekwynhmexti.

## **ABSTRACT**

The work entitled. " Literacy at the Kaiapó Indigenous School " aims to analyze how the acquisition of reading and writing occurs in the initial series of an indigenous school. For the development of this research was used a bibliographic study and field research, using the technique of observation and non-systematic intervention. Field research was carried out with a quantitative and qualitative approach, based on the application of questionnaires consisting of questions for each category, and was carried out at the Municipal School of Indigenous Bekwynhmexti, located 128 km (one hundred and twenty eight kilometers) from the headquarters of the municipality of. With twenty (20) students and two (2) teachers, in order to reflect on the guiding theme that constitutes the relevance of the acquisition of reading and writing in the Bilingual teaching in the school context. Reading and writing in the initial grades arouses the curiosity of many authors who attest to its relevance in broadening the understanding and diverse linguistic advance.

**Key words:** Literacy, Constructivist method of Emília Ferreiro, Indigenous fundamental education Bekwynhmexti.

## SUMÁRIO

Resumo Português

Abstract

Lista de Ilustrações

Lista de Gráficos

Lista de Abreviaturas e Siglas

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1 - CONTEXTO HISTÓRICO INDÍGENA KAYAPÓ</b> .....	16
1 - Sobre o Povo Indígena Kayapó no Brasil.....	16
<b>CAPÍTULO 2 – PERCURSO TEÓRICO DA PESQUISA</b> .....	21
2 Alfabetização bilíngue: um desafio.....	21
2.1 Desenvolvimento cognitivo e seus reflexos na prática pedagógica.....	22
2.1.1 Aplicação da teoria de Vygotsky ao ensino.....	22
2.1.2 O papel da linguagem no desenvolvimento da criança.....	23
2.1.3 A psicologia da aprendizagem.....	23
2.1.4 A Alfabetização na visão de Emília Ferrero.....	24
2.1.5 Psicogênese da aquisição da escrita.....	26
2.1.6 Aspectos sobre intervenções pedagógicas.....	30
2.2 Alfabetização no Brasil hoje .....	32
2.3 2A educação indígena.....	32
<b>CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA</b> .....	34
3.1 Sujeitos da pesquisa .....	35
3.2 Instrumentos para coleta de dados.....	36
3.3 Procedimentos para coleta de dados.....	36
3.3.1 Instrumento de coleta de dados da pesquisa.....	36
3.3.2 Procedimentos de análise de dados. ....	37
3.3.3 Contextualizando o lócus da pesquisa.....	38
3.3.4 Um breve histórico.....	38
<b>CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	43
4.1 Alfabeto ilustrado da língua mebêngôkre.....	44
4.2 Análise da pesquisa aplicada aos professores.....	47
4.3 Análise da pesquisa aplicada aos alunos. ....	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	56
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	58
<b>APÊNDICE</b> .....	63B

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura – 01. Foto Mapa São Félix do Xingu – Pará e Aldeias.....	17
Figura – 02. Foto Coleta de Castanha do Pará na Aldeia Kayapó.....	19
Figura – 03 Foto Coleta de Castanha do Pará na Aldeia Kayapó.....	19
Figura – 04. Foto Primeira Escola Indígena da Aldeia Apexti.....	28
Figura – 05. Foto Atual Escola Indígena da Aldeia Apexti.....	29
Figura –06. Foto Atual será inaugurada no ano de 2018, Escola Indígena da Aldeia Apexti.....	29
Figura – 07. Foto Atual será inaugurada no ano de 2018, Escola Indígena da Aldeia Apexti.....	29
Figura – 08. Nível Pré-Silábico – níveis 1 e 2 .....	30
Figura – 09. Pré- silábico Nível 2.....	40
Figura – 10. Silábico.....	41
Figura – 11. Nível: silábico – alfabético.....	42
Figura – 12. Nível alfabético.....	42
Figura – 13. Alfabeto.....	46

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico - 01: Dificuldades apresentadas pelos professores quanto ao domínio da língua mebêngôkre.....	4
9	
Gráfico – 02: Relação da Língua no ensino bilíngue.....	50
Gráfico – 03: Dominar as duas línguas importante para defender seus direitos.....	51
Gráfico – 04: Metodologia utilizada favorece o processo de ensino e aprendizagem.....	52
Gráfico – 05 :Níveis Iniciais: Pré – Silábico e Silábicos.....	55
Gráfico – 06: Resultado final: passagem de níveis.....	56

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES**

ART. – Artigo.

CENSO – É o Principal Instrumento de Coleta de Informações da Educação Básica.

CENSO – É um conjunto de dados estatísticos que informa diferentes características dos habitantes de uma cidade, um estado ou uma nação.

CEPOL – Comissão Econômica para a América Latina.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

ELETROBRÁS – Centrais Elétricas Brasileiras. AS.

FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação.

FUNAI – Fundação Nacional do Índio.

IBOP – Instituto Brasileiro de Opinião e estatística, uma multinacional brasileira de pesquisas de opinião e estudos de mercado, com forte destaque para pesquisas eleitorais e pesquisa de audiência televisiva.

KM - Quilômetros

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

LDB – Leis de Diretrizes e Bases.

MEC – Ministério da Educação.

PA – Pará.

PCN'S – Parâmetros Curriculares Nacionais.

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNICEF – fundo das nações unidas para a infância.

UNESCO – Organização das Nações Unidas Para a Educação, Ciência e Cultura.



I – Inciso Primeiro.

IV – Inciso Quarto.

## INTRODUÇÃO

*O processo de alfabetização inclui muitos fatores, e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação sociais da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse processo de aprendizagem sem os sofrimentos habituais.*

(Cagliari, 1.989, p.9)

O Letramento nas séries iniciais no ensino bilíngue facilita o enfrentamento das peculiaridades existentes no ensinar e aprender. O ensino bilíngue torna o ensino da leitura e escrita prazerosa, desde que a diversidade seja respeitada permitindo experiências antes imagináveis.

Para tanto, nossa dissertação refere-se a educação bilíngue que significa a utilização do ensino de duas línguas de aprendizagem em sala de aula e de conteúdos curriculares diferenciados, as línguas em indígena kaiapó e a oficial do Brasil, cada uma com sua relevância, lugar e dificuldades próprias de aprendizagem. Este estudo justifica-se pelo fato de atuar como professora do ensino bilíngue há alguns anos na escola indígena kaiapó e de iniciar a docência na escola indígena sem formação e preparação nessa área, questões relacionadas a didática, currículo diferenciado, cultura kaiapó, legislação, foi o que levou a realização de um estudo mais profundo para entendimento do processo ensino aprendizagem bilíngue. Perante essa realidade, o professor precisa estar atento à sua prática docente buscando ter uma visão dinâmica do processo como um todo.

A seleção de conteúdo, materiais adequados e de forma diversificada despertam o interesse pelas atividades propostas focalizando uma aprendizagem cada vez mais

significativa, pois o processo de educar não se faz apenas transmitindo informações, mas contribuindo para que o educando tome consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade. O docente deve oferecer ferramentas variadas que possibilitem às crianças escolher entre muitos caminhos o que mais for compatível com seus valores. Educar e preparar o homem para exercer a cidadania com consciência e criatividade.

O objetivo com este trabalho é analisar o desempenho dos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Bekwynhmexti, situada a 128 km (cento e vinte oito quilômetros) da sede do município de São Félix do Xingu - PA, com vinte (20) alunos e dois (2) professores, tomando como diretriz o método construtivista de Alfabetização de Emília Ferreiro. As maneiras tradicionais de letramento inicial firmam em um método pelo qual o professor transfere seus conhecimentos aos alunos, no ensino e aprendizagem inicial as práticas pedagógicas na maioria das vezes são pautadas em junções de sílabas, memorização de cópias, levando o aluno a se tornar um espectador passivo ou receptor do conhecimento, sabe-se que Emília Ferreiro foi orientada de doutorado do biólogo Jean Piaget na Universidade de Genebra, desenvolveu seu trabalho na área afirmada por (Nova Escola, 2008, p.6) : “Cujo trabalho de epistemologia genética, uma teoria do conhecimento centrado no desenvolvimento da criança”.

No entanto, Ferreiro continuou estudando, no campo da Língua Escrita, tornando-se psicolinguística, professora, e em parceria com a pedagoga espanhola Ana Teberosky desencadearam pesquisas com crianças, dando origem a Psicogênese da Língua Escrita, explorando em campos, o que seu mestre jamais estudou, mas levando em consideração traços da teoria do desenvolvimento cognitivo da criança, pautou seu método de alfabetização no construtivismo onde a criança atua como prognosticador da sua aprendizagem como mostra: (Nova Escola, 2008, p.4) “As crianças têm um papel ativo no aprendizado. Elas constroem o próprio conhecimento”. Sendo assim, entende-se que o processo de conhecimento por parte da criança deve ser por etapas, os quais cada evolução cognitiva depende de uma internalização de elementos do meio externo e de uma reacomodação dos esquemas internos. E por meios desses esquemas, as crianças interpretam o conhecimento que recebem. Pretendemos ouvir também a opinião de educadores no que se refere ao ensino e aprendizado bilíngue. Portanto, com base neste objetivo geral, surgem os seguintes objetivos específicos:

- (1) Quais as dificuldades encontradas pelo professor de português ao implementar o ensino bilíngue no contexto da sala de aula?
- (2) Em que circunstância uma intervenção pedagógica, via linguagem contribui para reflexão e análise dos fenômenos da linguagem utilizadas?
- (3) Qual a importância do ensino bilíngue no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa?
- (4) A metodologia utilizada pelo professor favorece o processo da aquisição da leitura e escrita nas séries iniciais?

Sendo que, as perguntas de um (1) à quatro (4), serão investigados dois professores da escola foco da pesquisa, e cinco (5) professores de escola indígena kaiapó, os questionamentos serão feitos com um questionário semiestruturado em apêndice.

Neste contexto, o aluno deve ser incentivado a estudar, visando fortalecer o aprendizado, organizar a comunicação, trocar informações, e com isto, consolidar o processo de aprendizagem e construção do conhecimento. A relevância do estudo surge de discussões pertinentes no contexto educacional, acadêmico e social, referente à importância de se analisar o método da Emília Ferreiro sobre as fases da Aquisição da Leitura e Escrita nas Séries Iniciais. Sendo assim, a hipótese é a de que a construção da leitura e escrita nas séries iniciais são adquiridas conforme o contexto sociocultural, ambiental e características individuais.

O presente trabalho está composto por quatro capítulos, que visam conhecer a problemática suscitada pela pesquisa.

O capítulo 1, apresentará a História dos Povos Indígenas Kayapó no Brasil, em como um contexto histórico, fundamentado pelo pesquisador: (Lukesh, 2011), com fotos e mapas da Aldeia Apexti, (fontes da própria autora), onde-se realizou a pesquisa.

O capítulo 2, apresentará o percurso teórico da pesquisa, desde a problemática, as fontes teóricas, onde se fez uma revisão sobre o método das fases de alfabetização de Ensino de Emília Ferreiro, bem como seu contexto histórico. Para discorrer sobre os fundamentos históricos analisaremos os trabalhos de pesquisadores como: Emília Ferreiro (2005), Vygotsky (1993) e outros autores também referenciados neste trabalho, reconhecendo a contribuição dos mesmos sobre O Letramento nas Séries Iniciais.

No Capítulo 3, será apresentado o percurso metodológico usado para o desenvolvimento da pesquisa, o tipo de pesquisa, o locus da pesquisa, a caracterização dos

sujeitos, os instrumentos utilizados para a coleta de dados e as técnicas de análise dos dados coletados.

No capítulo 4, serão apresentados os resultados da pesquisa, relacionando-os com os problemas, objetivos preestabelecidos, e fundamentando com os teóricos que compõem o trabalho. Uma análise sistemática será ressaltada no que tange ao Letramento nas Séries Iniciais, dando ênfase e considerando a opinião dos professores o desenvolvimento e todo o universo que compôs a pesquisa.

Na conclusão será feita a explanação final dos resultados da Análise, do método das fases da alfabetização de Emília Ferreiro no contexto educacional. A leitura e escrita nas séries iniciais no ensino bilíngue facilita o enfrentamento das peculiaridades existentes no ensinar. E aprender esse método torna o ensino da leitura prazerosa, quando se respeita a diversidade permitindo experiências antes inimagináveis, as crianças acabam por ultrapassar muito dos que os métodos preconizam.

## CAPÍTULO 1 – CONTEXTO HISTÓRICO INDÍGENA KAIAPÓ.

### **1 Sobre o Povo Indígena Kayapó no Brasil.**

No que se refere ao nome kayapó, este foi denominado por comunidades próximas a esse povo, significando no que diz Lukesh (2011, p.1). “Aqueles que se assemelham aos macacos”. Nesse sentido vale dizer que os homens realizam costumeiramente danças caracterizadas com máscaras de macaco e assim falam de si mesmos, como afirma Lukesh (2011, p.1). “Preferem ser chamados de mebêngôkre, homens do buraco /lugar d’agua”.

Em relação à família linguística, a língua kayapó pertence ao tronco macro-jê, que, devido à divisão do grupo, existem diferenças dialetais entre os vários grupos kayapó, mas a língua tem uma característica de grande abrangência étnica, todos participam de uma cultura comum. Sabe-se, entretanto, que os kayapó são formados de duas enormes divisões, meridionais ou do sul e setentrionais, ou do norte. Os primeiros formavam grupos muito grandes, são hoje grupos extintos, e viviam ao sul de Goiás, Mato Grosso e noroeste de São Paulo e sudoeste de Minas.

Assim sendo, os kayapó habitantes desde tempos remotos da região da bacia do rio inferior do rio Tocantins, eram perseguidos por brancos como mostra Lukesh (2011, P.3 - 4). “No começo do século XIX os caiapós começaram a sofrer ataques dos homens brancos, que mataram e escravizaram muitos kaiapós.”

Dessa forma, três décadas depois, os homens brancos retornaram a executar ações violentas aos kayapó. Havendo, assim, uma dicotomia entre eles: parte deles queria estabelecer a paz com os homens brancos, e a outra parte queria continuar fugindo para o oeste. O povo kayapó decidiu ter uma relação de paz com os brancos, muitos deles desapareceram sacrificados por doenças trazidas pelos brancos como atesta Lukesh (2011, p.3). “Nas décadas de 1950 e 1960, houve uma tentativa de aproximação por parte de agentes do governo Brasileiro com a intenção de pacificar os kayapó. Até hoje, grande partes dos kayapó estão em contato frequente com a sociedade brasileira.”

No entanto nos anos de 1980, dois indivíduos kayapó tornaram-se conhecidos pela maior parte do público brasileiro e estrangeiro: Tuto Pombo e Raoni. “O primeiro, como o primeiro líder indígena brasileiro a explorar comercialmente as reservas indígenas, ao

permitir a extração de ouro e manganês em troca de dinheiro. O segundo como o defensor do meio ambiente e do modo de vida tradicional indígena.” (Lukesh, 2011, p.3).

Vale destacar o cacique Akiaboro líder geral de todas as aldeias kayapó do Pará. Para efeito do contato dos kayapó com o branco resultou em: “em 20 de maio de 2008, índios kayapos agrediram com socos e facões, um engenheiro da Eletrobrás que fazia uma apresentação no município de Altamira – PA, sobre os impactos ambientais da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Durante a apresentação do engenheiro, os índios teriam sido incitados ao ataque por Roquevam Alves da Silva, do movimento dos atingidos por barragem” (Lukesh, 2011, p.9).

Dessa forma, não houve prisão dos agressores em flagrante, a agressão foi rejeitada por autoridades e a Eletrobrás declarou que os responsáveis seriam responsabilizados. No entanto, apesar das agressões sofridas pelos índios e os prejuízos causados pela obra da Usina Hidrelétrica Belo Monte até hoje ninguém tomou providência. Para evitar sérios problemas, e promover a paz um apelo foi feito pelo cacique Akiaboro: “Meu povo está brigando contra a Belo Monte porque não quer a usina. Quero sentar e conversar antes que tenha guerra e problema que vai acontecer depois vai deixa nome do governo sujo”. (Lukesh,2011, p.10).

Desse modo, os kayapó sabem que a usina causará danos irreparáveis à floresta tropical Amazônica, destruindo cerca de quatrocentos mil alqueires de floresta, como também animais e plantas; talvez alguns nem conhecidos pela biologia.

No que se refere aos grupos kayapó Lukesh (2011, P.11) diz que:

[...] protegem com muito rigor suas terras. As aldeias têm as casas dispostas em formato circular, nas casas habitam famílias inteiras advindas dos casamentos realizados, pois as mulheres ao casarem – se trazem seus maridos para morar em suas casas.

Partindo dessa visão, sabe-se que em todas as aldeias da família jê, há uma casa chamada casa dos homens ou casa dos guerreiros, onde acontece reuniões e rituais. As aldeias kayapó em relação com outras etnias são grandes ao padrão amazônico; em uma aldeia indígena é costume residir entre trinta e oitenta pessoas; entre os kayapó esse número varia entre 60, 200 a 500, podendo o maior grupo chegar a 900 pessoas.

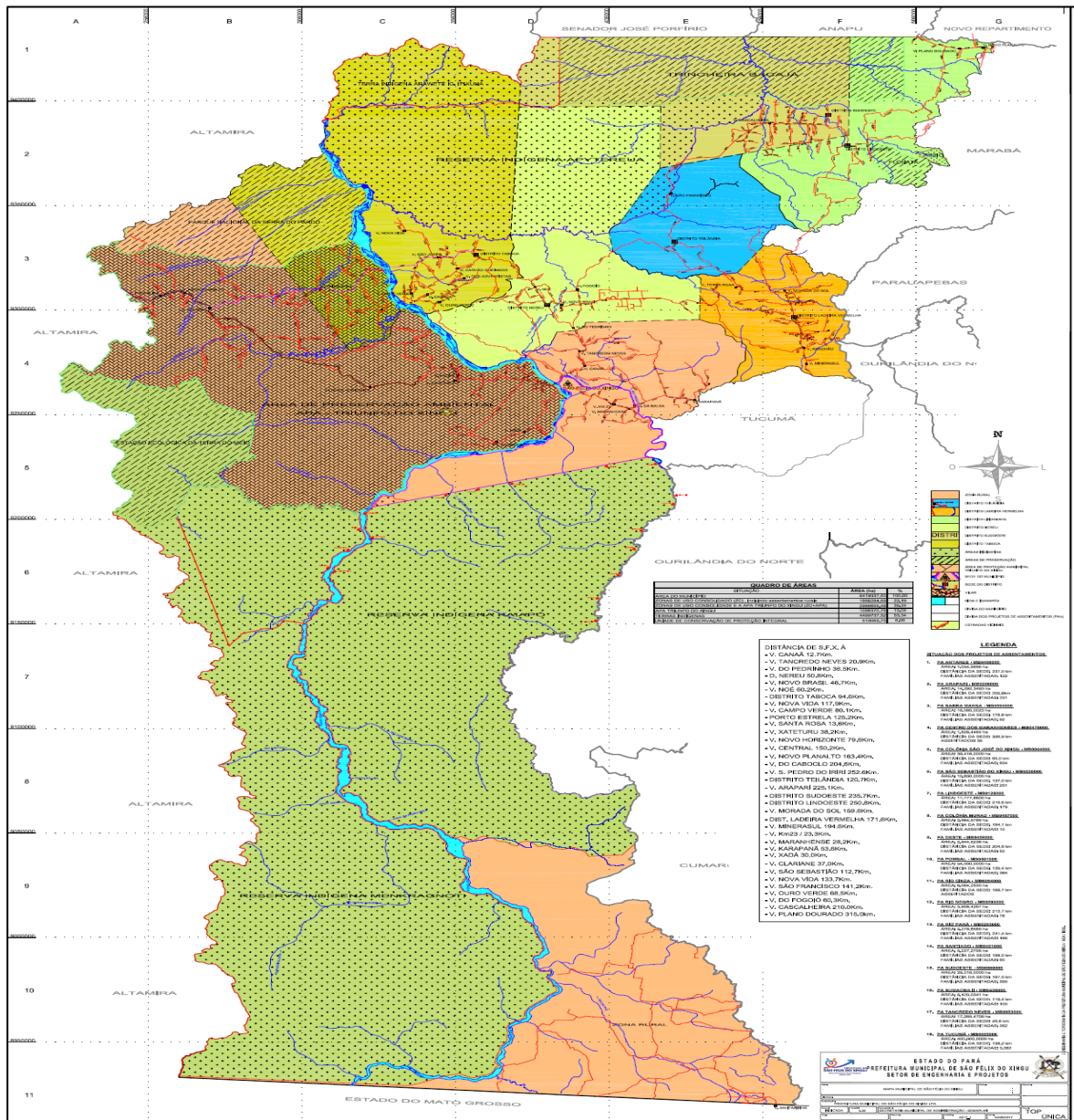
Para tanto, Lukesh (2011, P.12) diz que:

Conhecidos por sua bravura, os kayapó são guerreiros, mantêm sua cultura tradicional, são exímios artesãos e têm na borduna um símbolo da arma de caça e

guerra. Um aspecto forte de sua cultura é a pintura corporal realizada com primorosa habilidade pelas mulheres, com desenhos perfeitos em linhas geométricas, que as crianças e adultos de ambos os sexos costumam usar em suas festas que constituem outro aspecto muito especial da cultura desse povo.

No entanto, sabe-se que os kayapó viveram em guerra com tribos vizinhas como: os Carajás, Juruna, Xavante, Tapirapé e Kren-Akarore. Atualmente, os kayapó são encontrados no Planalto central dos estados de Mato Grosso e Pará, no Pará os kayapó vivem em aldeias dispersas ao longo do percurso superior dos rios Iriri, Bacajá, Fresco e Xingu; enfrentam duas estações no ano inverno e verão.

**Figura - 01 Foto Mapa São Felix do Xingu – Pará e Aldeias.**





**Fonte: Prefeitura Municipal de São Felix do Xingu – Pa, 2018, Mapa de São Felix do Xingu – Pará e Aldeias.**

Dessa forma, a compreensão do universo e natureza está interligada com a vida social dessa etnia, a pintura apresenta significado do conhecimento social e mágico – religioso, a pintura dos adultos é diferente das infantis. A culminância das suas festas e rituais só acontece depois de um período de meses de duração, as mesmas são com seus cantos, danças e cerimônias tradicionais de acordo com cada festa, a pintura, a raspagem de cabelo e as ornamentações são questões importante para a sociedade. Para explicar sua origem a um mundo celestial em que surgia a humanidade, Lukesh (2011, P. 15) diz que:

Os primeiros humanos que chegaram a terra vieram de lá por uma longa corda igual formada por um tronco, isto foi possível porque um Homem viu um tatu e o seguiu até que entrou num buraco que depois foi usado pelas pessoas para vir a este mundo celestial, quando a filha da chuva brigou com a mãe, desceu a este mundo foi acolhida por um homem a quem entregou as plantas.

Os kayapó desde sua origem explicam sua relação com a natureza, não usam bebidas fermentadas nem plantas alucinógenas. O uso de bebidas alcoólicas é repudiado por toda a comunidade indígena, a educação das crianças da tribo é feita por toda a comunidade, apresentando a sua sobrevivência no grupo. Desde cedo a criança se torna independente. Uma maneira para distinguir um indivíduo dentro da comunidade é a tradição de nomes e sobrenomes. Lukesh (2011, P.6) “As meninas e as mulheres formam o mesmo grupo dos irmãos do pai, enquanto os meninos e os homens formam do grupo dos irmãos da mãe”.

De modo que os kayapó da atualidade são: “descendentes de um grande grupo indígena denominado gorotire – kumrex, que se dividiu em dois blocos, de um lado os kayapó-gorotie os kokorekre, que já desapareceram, os mekrãgnôti, metutktire ou txukaramãe, àukre, pakany, kubenkrãkenh, kôkraxmôr, kikretum, kararaô e os porekry, deram origem ao xikrin. A parte central do povo kayapó foi constatada por volta de 1.940, e a parte ocidental na década de 1.950, pelos irmãos Villas Boas.” Lukesh, (2011, P.8).

No que se refere à atividade econômica vivem da agricultura, cultivam plantas como mandioca, milho, batata e outros. Recolhem mel e frutos de palmeiras silvestres: “A castanha do Pará que anteriormente era recolhida pelas mulheres para seu alto consumo,

hoje é recolhida pelos homens e vendida a compradores estatais ou privados.” (Lukesh, 2011, P.7).

**Figura 02** - Foto Coleta de Castanha do Pará na Aldeia Kayapó.



Fonte: Própria autora 2017, Coleta de Castanha do Pará na Aldeia Kayapó.

**Figura 03** - Foto Coleta de Castanha do Pará na Aldeia Kayapó.



**Fonte: Própria Autora 2017, Coleta de Castanha do Pará na Aldeia Kayapó.**

## **CAPÍTULO 2 – PERCURSO TEORICO DA PESQUISA.**

### **2 Alfabetização bilíngue: um desafio**

O Letramento nas séries iniciais permite que a criança assimile informações, compreenda a relação entre letras, sons da linguagem, melhorando a relação com o mundo social e cultural, construindo sua personalidade.

Observa-se que a aquisição da escrita e leitura nas séries iniciais vem sendo objeto de estudos de muitos pesquisadores, vários métodos foram criados e postos em prática por educadores. Segundo Cagliari (1989), o professor estará livre para selecionar seus métodos, técnicas, buscando os rumos e o ritmo que considere mais adequado a sua turma, colocando sua sensibilidade acima de qualquer modelo preestabelecido.

No entanto, nota-se que o fracasso na escrita e leitura permeia e é predominante em setores menos favorecidos da população como: indígenas, classe rural e pessoas marginalizadas.

Os educadores devem estar cientes de que os alunos precisam melhorar o índice de escrita e leitura de modo que se faz necessário repensar novas maneiras de trabalho em sala de aula, logo a função da escrita e leitura deve ser entendida como uma busca de

comunicação e compreensão do mundo e seu contexto. Entende-se que a aquisição da escrita e leitura pode ser vista como possibilidades de mudanças da realidade social e cultural em que as crianças vivenciam e assim agindo como meio articulador, as classes menos favorecidas de romperem com as restrições que lhes são impostas, e assim possibilitam transformações em suas vidas. Rego (1994, p. 104), afirma que:

Ao interagir com esses conhecimentos, o ser humano se transforma: Aprende a ler e escrever, obter o domínio de formas complexas de Cálculo, construir significados a partir das informações descontextualizadas ampliar seus conhecimentos, lidar com conceitos hierarquicamente, relacionados são atividades extremamente importantes e complexas, que possibilitam novas formas de pensamentos de inserção e atuação em seu meio.

Nesse sentido, a criança na interação dentro da escola, tem contato com informações contextualizadas que lhes possibilitam uma forma de pensar e construir outros saberes, ampliando mais seus conhecimentos tornando-se cidadão participativo dentro da sociedade em que vive.

Partindo desse pressuposto, minha hipótese é: a aquisição da escrita e leitura, através de criação de textos diversificados e outros, quando usados adequadamente, contribuem de forma significativa na vida do aluno, quando este não segue fielmente somente a um método e níveis, sendo o desenvolvimento da escrita e leitura variável de acordo com cada criança.

Desta maneira, pergunta-se: Quais as dificuldades encontradas pelo o professor de português ao implementar o ensino bilíngue no contexto da sala de aula? Em que circunstância uma intervenção pedagógica, via linguagem atribui para reflexão análise dos fenômenos da linguagem utilizadas? Qual a importância do ensino bilíngue no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa? A metodologia utilizada pelo prof. Favorece o processo da aquisição da leitura e escrita nas séries iniciais?

## **2.1 Desenvolvimento cognitivo e seus reflexos na prática pedagógica.**

Ao estudar o desenvolvimento cognitivo da criança, Vygotsky salienta o progresso, e este seria o processo de assimilação de experiência acumulada pela humanidade no processo da história social. Segundo Vygotsky em Psicologia do Desenvolvimento (1993, p.150):

No decorrer da História, os homens, governados por leis sociais desenvolveram características mentais superiores. Milhares de anos de história social produziram mais a esse respeito do que milhares de anos de evolução biológica.

Nesse sentido, o desenvolvimento social adquirido gradativamente acumulado e transmitido de geração em geração, se consolida e se torna patrimônio da humanidade.

Para Vygotsky (1993, p. 150), “desde o seu nascimento a criança está rodeada de um mundo objetivo criado pelo homem.” Isso seria alimento, vestuário instrumento e a linguagem, que reflete as propostas, os conceitos, as ideias. Isso resultaria em desenvolvimento mental da criança em um mundo humanizado, a criança se apropriaria dos objetos humanos e aos fenômenos que a circundam.

Desse modo o processo de apropriação seria dicotômico ao lado do de adaptação. A adaptação sendo uma mudança dos comportamentos e capacidades em função das exigências do ambiente. A apropriação seria um processo que teria como consequências a reprodução. Vygotsky enfatiza as origens sociais do pensamento.

### **2.1.1 Aplicação da teoria de Vygotsky ao ensino.**

Os processos mentais superiores (percepção, memória, atenção) iniciar-se-iam com o surgimento da linguagem, ela habilita a criança a criar instrumentos auxiliares na solução de problemas, superar ações, controlar seu próprio comportamento. Segundo Vygotsky, idem (1993, p.152) “Uma função psicológica superior ou comportamento complexo defere da elementar mediante a existência de um processo de internalização.”

Nesse sentido, seria a reconstrução mental de uma ação realizada externamente, para a criança pequena pensar, significar lembrar, para o adolescente lembrar significa pensar.

### **2.1.2 O papel da linguagem no desenvolvimento da criança.**

Para Vygotsky o processo de educação escolar seria qualitativo e contrário do processo de educação no sentido mais amplo.

Para o autor (1993, p. 157) “Na escola, a criança tem como tarefa entender as bases dos estudos científicos”. No processo de aprendizagem a criança inicia de suas

próprias generalizações e significados de acordo com seus esquemas lógicos e conceituais, e com a ajuda de outra pessoa o aluno pode fazer mais do que faria sozinho.

Na perspectiva de ensinar, Vygotsky defende os conceitos de discussões, pesquisas, trabalho em grupo, tal maneira de ensinar facilita a dialética no processo de conhecimento individual, esse processo leva à transformação da cognição e ao surgimento de funções intelectuais.

De modo que a função da escola seria a de transformar o estado atual de desenvolvimento do educando, diz ainda que: “Ela deve conduzir ao patamar superior no processo da zona de desenvolvimento proximal, que deve ser trabalhado pela escola” (idem p. 158). Nesse sentido, para cada habilidade ensinada pela escola existe um período em que a criança é mais receptiva ao conteúdo, e a ação pedagógica é mais produtiva e isso ocorre devido às mudanças de certas funções biológicas e é resultante da aprendizagem ocorrida no meio social.

### **2.1.3 A psicologia da aprendizagem.**

No que se refere à aprendizagem este é o processo pelo qual a criança se apropria do conteúdo e da experiência humana, e também do que o seu grupo social conhece. Segundo Falcão, (1996, p. 12) “Para que a criança aprenda, ela necessita interagir com outros seres humanos, especialmente com os adultos e com outras crianças mais experientes.”

Desse modo as diferentes interações em que as crianças se envolve desde o seu nascimento irá ampliar suas formas de lidar com o mundo e cria significados para as suas ações e para as experiências. E com uso da linguagem esses significados ganham abrangência dando assim origem e conceitos de grupos sociais existentes e desenvolvem o funcionamento intelectual.

Para tanto o referido autor (1996, p. 21) diz: “A Psicologia da Aprendizagem estuda o complexo processo pelo qual as formas de pensar e os conhecimentos existentes numa sociedade são apropriados pela criança.”

Entende-se que o desenvolvimento cognitivo está envolvido na interação com outros indivíduos. Nesse sentido, a Psicologia da Aprendizagem aplica-se à educação e ao ensino, demonstrando que por meio da interação entre professor e alunos, e possível aquisição do saber e da cultura acumulada.

#### **2.1.4 A Alfabetização na visão de Emília Ferreira.**

No que se refere à Leitura e Escrita nas séries iniciais notam-se esforços sociais e de órgãos educacionais para erradicar o analfabetismo, como mostra Ferreira (2005, p.5).

Em dezembro de 1979 realizou-se na cidade do México uma Conferência Regional de Ministros da Educação e de Ministros encarregados do Planejamento Econômico da América Latina e Caribe no âmbito da Unesco. Essa conferência deu origem ao que se conhece por Projeto Principal de Educação para América Latina e Caribe.

Desse modo, entende-se que esse projeto objetivava escolarizar todas as crianças e acabar com o analfabetismo na América Latina e Caribe, isso inclui melhorar a qualidade educacional e sistemas de ensino.

Nesse sentido vale dizer que, na década de 1.980, foi difícil para a educação nesta região. A crise econômica contribuiu para diminuição de gastos públicos em educação, como afirma Ferreira (2005):

Um documento recente conjunto entre Cepal e Unesco sustenta que o gasto público em educação nos países da América Latina e Caribe em seu conjunto contraiu-se marcadamente na primeira arte do decênio de 1980, de 32.700 milhões de dólares em 1980 a 28.600 milhões em 1985, uma redução de 12 por cento em termos nominais e superior a 30 por cento em termos reais.

No intuito de promover a educação básica e tendo esta como fundamental no âmbito da educação a alfabetização, é o que Ferreira mostra (2005, p. 8):

1990 inicia-se com uma novidade: não somente os organismos internacionais tradicional vinculados à educação (Unesco, Unicef) inauguram a década da alfabetização e da educação básica, mas também o Banco Mundial decide investir na educação básica e incidir sobre as políticas dos governos.

Visando a educação para todos, sabe-se que a ideologia dominante foca em estatística, não levando em consideração fatores que contribuem para qualidade do ensino dos grandes números de crianças matriculadas, como professores mal pagos, tendo que pegar cargas horárias que os deixam cansados, salas superlotadas, às vezes com turno intermediário causando poucas horas de permanência na escola, de modo que quando se fala em acabar o analfabetismo, o que se pretende parece ser melhorar as estatísticas para ter uma boa posição internacional.

Ao abordar sobre a qualidade dos serviços educacionais Ferreiro (2005, p.16) diz: “Isso é alcançar um nível técnico rudimentar, tendo apenas a possibilidade de decodificar textos breves e escrever algumas palavras... porém sem atingir a língua escrita como tal”. Nota-se que a alfabetização estereotipada resulta em adultos de níveis de escolaridade de ensino médio e superior sem saber resumir textos, reconhecer as ideias principais e incapazes de argumentar coerentemente um texto.

Assim a escola como instituição de ensino converte a língua escrita e oral como mera roupagem de reprodução, em que o aluno deve obedecer fielmente os traços e ortografia impostos, desconsidera que a língua oral evolui e é um poderoso instrumento nas ações sociais, isso se torna uma afronta à inteligência das crianças.

Nesse sentido, entende-se que as crianças são alfabetizadas com facilidade, quando descobrem por si só contextos sociais funcionais, assim sendo a escrita se torna interessante tendo significado como tantas outras coisas da realidade em que se esforçam intelectualmente.

Os adultos é que podem tornar o processo alfabetizador difícil e traumático para muitas crianças como mostra Ferreiro (2005, p.25):

São os adultos que têm dificultado o processo imaginando seqüências idealizadas de progressão cumulativa, estimulando modos idealizados de fala que estariam ligados à escrita e construindo definições de “fácil” e de “difícil” que nunca levaram em conta de que maneira se define o fácil e o difícil para o ator principal da aprendizagem: a criança.

Os processos metodológicos fonéticos e silábicos, vem sendo historicamente representados pelos grupos dos poderosos dentro da sociedade como modo da fala de comunidades políticas e cultural do país, levando em consideração as variantes dialetais desse grupo, considerando inconveniente o modo de fala das crianças de comunidades marginalizadas. Sendo assim, os grupos privilegiados de uma população se alfabetizam com mais facilidade. Como mostra Ferreiro (2005, p. 26).

É preciso enfatizar que o preconceito linguístico é um dos mecanismos de discriminação, no interior da escola, com maiores consequências para a criança. Primeiro porque ao desprezar uma variante dialetal se está desprezando não somente a criança, mas também o grupo social a que ela pertence; segundo, porque ninguém pode mudar sua forma de fala por vontade individual (todos nós levamos a marca linguística não só de nossa língua materna como também da variante dialetal dessa que aprendemos como primeira, ainda que posamos supostamente adquirir outros variantes dialetais quando possamos adquirir outras línguas) terceira, porque as professoras que também não empregam as variantes de



prestígio- constroem uma idealização de sua própria percepção de fala que cria distorções linguísticas às vezes caricaturais; quarta porque a escola não pode, por mais que o pretenda, modificar a língua oral da comunidade ( exceto na medida mínima, em nível lexical).

Percebe-se que toda e qualquer escrita alfabética marca as diferenças sonora, isto por meio de diferenças gráficas. Notamos a lentidão das escritas ortográficas para a acelerada evolução da fala, isto devido ao grande número de usuários espalhados em amplas áreas geográficas, a escrita no entanto revela a língua e não a fala. Ferreiro (2005, P.27) adverte quanto à metodologia do professor alfabetizar quando diz “Qualquer intenção de justificar a ortografia a partir da pronúncia leva a desprezar as variantes de fala das crianças das populações socialmente marginalizadas, e a dificultar sua aprendizagem”.

Partindo desta visão, espera-se que a metodologia aplicada pelo professor para alfabetizar seja de investigador, de compreender que desde os primeiros rabiscos, a escrita possui um significado importante para criança. A partir da sua construção o professor intervém quando necessário sem desqualificar sua escrita por imediato, permitindo que a aquisição da língua escrita aconteça de maneira natural e espontânea e que tenha sentido para ela, permitindo à criança pensar e criar em vez de ser um mero respeitador e codificador da língua escrita.

### **2.1.5 Psicogênese da aquisição da escrita.**

No que se refere à aquisição da escrita, o termo psicogênese deve ser entendido como surgimento, história da aquisição de conhecimentos e atividades psicológicas de cada ser humano, crescimento que acontece ao longo de todo desenvolvimento, no começo dos seus primeiros anos de vida e prática de qualquer objeto, ou campo de conhecimento segundo Ferreiro e Teberosky (apud Picolli; Camini, 1985, p.1).

No campo da aquisição da escrita, esta concepção se associa aos estudos psicogenéticos de Emília Ferreiro, Ana Teberosky e vários colaboradores, originalmente divulgados em países de língua espanhola, na década de 1970, com forte impacto no Brasil, a partir da década seguinte, sobretudo na educação infantil e nos anos iniciais destinados à alfabetização.

Desse modo, com esta referência, a aquisição da escrita se baseia em níveis do ser humano que está aprendendo, pautado em conhecimentos prévios de entendimento e aprendizado, aplicando a conclusão tirada do objeto em estudo, pautando-se nas interações

sociais utilizando funções da escrita e da leitura em seu contexto cultural. Esses níveis provêm informações importantes sobre etapas psicogenéticas no processo de alfabetização e pode acontecer tanto em crianças como em adultos.

Os resultados obtidos através da pesquisa realizada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986) definiram quatro níveis de desenvolvimento da escrita, que são os seguintes: Pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético.

O nível Pré-silábico pode ser subdividido em três fases:

- Pré silábica sem variáveis quantitativas ou qualitativas dentro da palavra e entre as palavras. A criança consegue diferenciar desenho (não pode ser lido) de escrita (pode ser lida).
- Pré-silábica com caracteres variáveis dentro da palavra, porém não entre as palavras.
- Pré-silábica com caracteres variáveis dentro da palavra e entre as palavras. Nessa fase, a criança compreende que palavras distintas precisam ser escritas de forma diferente.
- O nível silábico pode ser classificado em duas fases, que são:
  - Silábica sem valor sonoro convencional. Cada caractere apresenta correspondência a uma sílaba pronunciada, porém a escrita não corresponde ao som convencional daquela sílaba.
  - Silábica com valor sonoro convencional. Cada caractere tem correspondência a uma sílaba falada e a escrita corresponde ao som convencional daquela sílaba, que pode ser representada pela vogal (silábica nas vogais) ou alternando vogais e consoantes.

O nível silábico alfabético marca a transição da fase silábica para a alfabética. Em alguns momentos a criança escreve uma letra para cada sílaba, em outros representa graficamente as unidades sonoras menores, os fonemas. Durante esse período transitório, é possível a criança escrever uma lista de palavras de forma alfabética, porém, ao redigir frases, variar entre a hipótese silábica e a alfabética.

O nível alfabético pode ser classificado:

Nesse momento, a criança compreende que cada caractere de uma palavra corresponde a um valor sonoro menor do que a sílaba. Em um primeiro momento, não domina as convenções ortográficas.

Através da continuidade do contato com a leitura e a escrita, a criança passa a escrever de acordo com as regras ortográficas da língua.

Nesse sentido, a escrita da palavra pode ser representada fielmente da forma do objeto que representa, inclusive pela extensão da escrita: se cavalo é um animal grande, a palavra cavalo deve ser igualmente grande, se formiga é um inseto pequeno, a palavra formiga deve ser igualmente pequena.

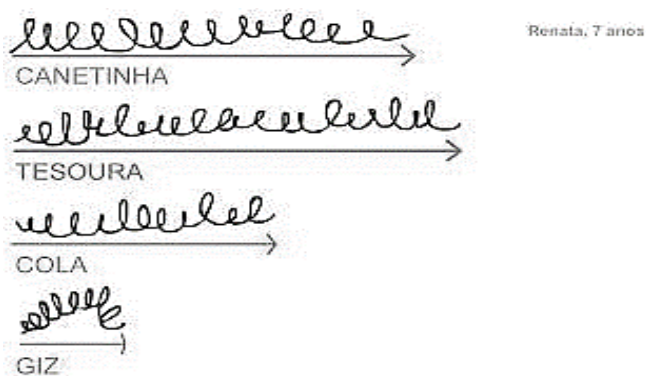
O vencimento desse nível, que se conhece como “realismo nominal”, é de suma importância para o avanço da aquisição do princípio alfabético, como mostra Ferreiro e Teberosky (1985, p.3) No nível silábico, o aprendiz percebe os sons das sílabas como segmentos da palavra a ser escrita. Desse modo, sugere que uma letra pode representar a grafia, podendo ou não ter o valor sonoro convencional, Ex. a palavra borboleta é representada por quatro letras OOTA. Outra etapa alfabética que Ferreiro e Teberosky (1985, p.3) destacam é que: “no nível silábico alfabético - o aprendiz se encontra em transição entre níveis psicogenéticos e tanto pode representar sílabas completas como representações parciais da sílaba por uma só letra”.

Assim sendo, Ferreiro e Teberosky (apud Ferreiro e Teberosky, 2008, p.4), mostra que no nível alfabético: “O aprendiz compreende o princípio alfabético, percebendo unidades menos do que as sílabas, os fonemas, e gradualmente domina suas correspondências com os grafemas.”

Nesse sentido, a criança ou adulto compreende os ritmos da escrita e da oralidade, precisando cada vez mais melhorar ortograficamente. Segundo Nogueira e Silva (apud Ferreiro e Teberosky, 2008, p.4), “este é um nível em que permanecemos em contínua construção, onde vamos adquirindo e dominando a irregularidades da língua.”

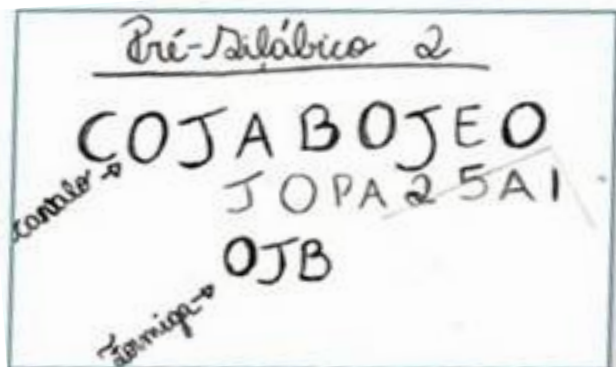
Exemplificamos a seguir a produção de diferentes alunos pelos diferentes níveis.

**Figura 4. Nível Pré-Silábico – níveis 1 e 2**



Fonte: Renata, 7 anos, 2009.

**Nível 1:** A criança possui características próprias, os contornos são parecidos à letra “n”, escritos em letras cursivas. Somente quem escreve sabe o seu significado. A grafia dos nomes é de acordo com a idade ou tamanho do objeto, pessoa ou animal a que é relacionada.

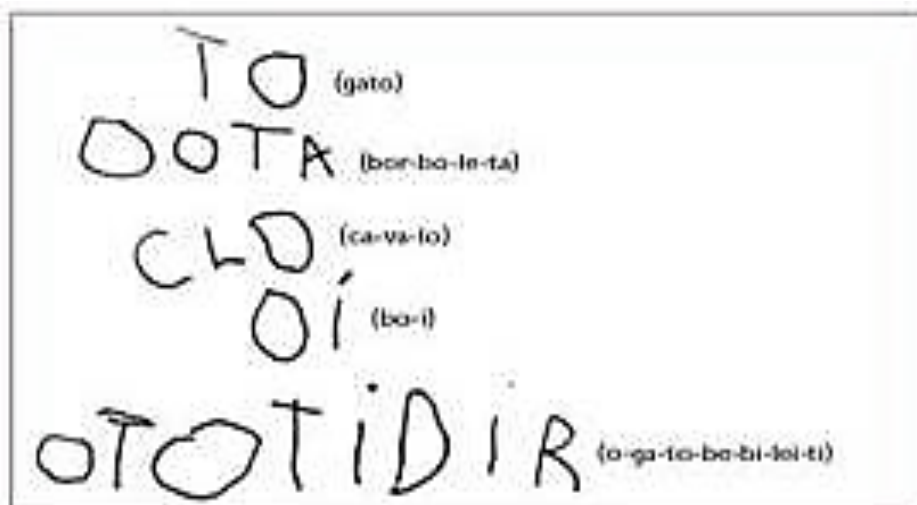


Fonte: Renata, 7 anos, 2009.

**Figura 5. Pré- silábico. Nível 2:**

**Nível 2:** A leitura de coisas que não são iguais prevê escrita diferente. A criança utiliza letras do seu nome, letras ou números conhecidos, sendo assim, a escrita é costumeiramente com letra de forma maiúscula.

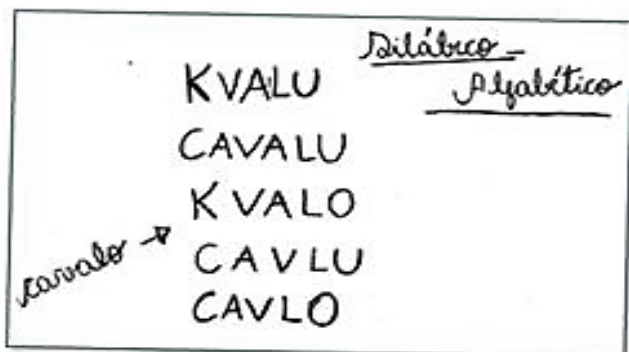
**Figura 6. Silábico. Nível 2:**



Fonte: Renata, 7 anos, 2009.

**Nível silábico:** as crianças aderem a escrita à fala, relacionando o mínimo de letras que se pede para se ler uma palavra.

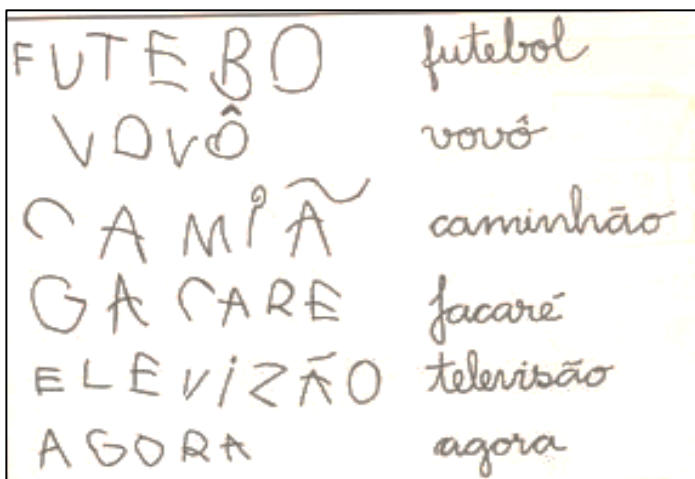
**Figura 7. Nível: silábico – alfabético**



Fonte: Renata, 7 anos, 2009.

**Nível 4: silábico alfabético.** A criança percebe que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras.

**Figura 8. Nível alfabético**



Fonte: Renata, 7 anos, 2009.

**Nível 5:** “Daqui para a frente, as crianças enfrentariam outros desafios, como, por exemplo, a ortografia” (Picolli; Camini, 2013, p.3).

### 2.1.6 Aspectos sobre intervenções pedagógicas.

Vale destacar que o professor alfabetizador poder realizar atividades para que o aluno vença cada dificuldade em cada nível e ultrapasse gradativamente o nível pré-silábico. São intervenções como sugere Nogueira e Silva (apud Ferreiro e Teberosky, 2013, p.5): “realizar escrita espontânea socialização das produções escritas trabalhar o próprio nome e os dos colegas, jogos onde se deparem com figuras e palavras... contato direto com material escrito.”

Assim sendo, no nível silábico sabe-se que o professor pode trabalhar a análise da constituição das palavras, memorizar som de letras individuais e depois reunir formando um todo, usar letras móveis e devolver leitura de textos ilustrativos e outros. Considerando o nível silábico alfabético, o educador deve proporcionar meios para que passe para o nível posterior (Ferreiro e Teberoky, 2013, p.5): “fazendo uso de jogos, cruzadinhas e remontarem textos através de tiras, leitura de textos e produções diversas contar o número de palavra de cada frase, anotar texto a partir de palavras e montar também palavra com letras móveis.”

No nível alfabético o alfabetizador deve condicionar a atividade para que o aluno conheça as regras da língua, como nos mostra Nogueira e Silva (idem, 2013, p.5):

Propor situações em que os alunos ponham em jogo para aprender o que ainda não sabem e incentivar a leitura por parte dos alunos para que assim possam conhecer as regularidades e irregularidades da língua.

No intuito de intervir positivamente na vida do aluno e proporcionar o domínio da língua escrita no nível ortográfico o professor deve “propor a análise de textos literários a fim de que os alunos observem as normas da língua (idem, 2013, p.6).”

O educador levará o educando a observar coesão e coerência de texto, sinais de pontuação, acentos e outras normas ortográficas da língua portuguesa. Ainda que a criança adquira a escrita da língua formal. Emília Ferreiro afirma que:

(...) as histórias ouvidas e contadas pelas crianças (devem ser escritas pelo professor) bem como as tentativas de escrever seus nomes ou bilhetes. Essas atividades assumem importância no processo, pois são geradoras de espaços para a descoberta do uso sociais da linguagem – a escrita. É importante colocar a criança em situações de aprendizagem, em que ela possa utilizar suas próprias elaborações sobre a linguagem, sem que se exija dela ainda o domínio das técnicas e convenções das normas culta. (Ferreiro, 2008, p. 40)

Considerando o método da Emília Ferrero e Ana Teberosky, percebe-se que, para a criança alcançar a escrita, ela passa pelos cinco níveis paulatinamente, onde o educando adquire normas, regras, concepções, constrói e reconstrói hipóteses como afirmam as autoras:

A construção do conhecimento e da leitura tem uma lógica individual, embora aberta à interação social, na escola ou fora dela. No processo, a criança passa por etapas, com avanços e recuos até se apossar do código linguístico e dominá-lo. O tempo necessário para o aluno transpor cada uma das etapas é muito variável. Uma das consequências mais importantes do construtivismo para a prática da sala de aula são respeitar a evolução de cada criança e compreender que um desempenho mais vagaroso não significa que ela seja menos inteligente ou menos dedicada que as demais (REVISTA NOVA ESCOLA P.77).

## **2.2 Alfabetização no Brasil hoje**

Considerando os dados do (IBOPE, 2015) censo de dois mil e quinze a educação no Brasil avançou nas últimas décadas, porém os desafios são muitos em relação à infraestrutura e os analfabetismos que ainda existem entre as camadas menos privilegiadas deste país, de acordo com o censo três milhões de crianças de 4 a 17 anos nunca foram à escola. Sendo que 690 mil são crianças de 4 anos e 932 mil são adolescentes. Como mostra (Censo – 2015). “hoje vinte e sete por cento dos brasileiros não sabem ler, e nem escrever e muitos nem conhecem os significados das palavras”.

Os investimentos na alfabetização vêm possibilitando incluir crianças jovens e adultos nas escolas, garantindo um futuro melhor para o país, vale ressaltar que alfabetizar vai além do que escrever um nome, considerando uma pesquisa do Instituto Paulo Montenegro em parceria com o Ibope (Censo – 2015). “O Ibope acompanha a redução do analfabetismo e chama atenção para os brasileiros que estudam até oito anos e, mesmo assim, tem dificuldade de entender o que é uma ironia e diferencia notícia de opinião.”

Assim sendo o Brasil precisa de eficiência na educação visto que 5,6% do produto interno bruto é direcionado à educação então 19 % dos recursos públicos são ao ensino deste país. Por aluno do FUNDEB – MEC.

O ministério da educação definiu em R\$ 2.875,03 (dois mil e oitocentos e setenta e cinco reais e três centavos) o valor anual mínimo por aluno que deverá ser investido em 2017... o repasse do FUNDEB é feito aos municípios com base no número de alunos da educação infantil e do ensino fundamental de acordo com os dados do último censo escolar.

### 2.3 A educação indígena

No que se diz sobre a educação indígena, esta simboliza o desenvolvimento de aprendizagem, saberes e costumes próprios de cada etnia. Os ensinamentos são efetuados de maneira oral no dia a dia, nos ritos e mitos como mostra Gonçalves e Mello (2009, p.1). “Várias etnias indígenas têm buscado a educação escolar como um instrumento de redução da desigualdade de afirmação de direitos e conquistas e de promoção de diálogo intercultural entre diferentes agentes sociais.”

Nesse sentido, vale dizer que os líderes indígenas diferenciam a educação indígena escolar, como afirma Gonçalves e Mello (2009, p.1-2):

A educação indígena é responsável pela aquisição das tradições, costumes e saberes específicos da tribo, da etnia à qual o indivíduo pertence, já a educação escolar complementa os conhecimentos tradicionais e garante o acesso aos códigos escolares não indígenas.

Dessa forma o desenvolvimento da consciência da cidadania, resistência, apropriação de conhecimentos novos, articulação e práticas de suas culturas, a aquisição de estruturas da sociedade não indígena são de suma importância, para melhoria da condição de vida dos índios e pautada a educação escolar indígena.

Nesta visão ao buscar a história da evolução das leis educacionais indígenas, Faustino (apud Gonçalves e Mello 2009, p1 – 2) diz que: Em meados do século XVI a mesma era oferecida pelos jesuítas, pautada na catequização, civilização e integração forçada dos índios a sociedade nacional”. No entanto essa forma de educar negava a identidade indígena e era imposta a uma vida totalmente diferente da sua.

A constituição federal brasileira de 1988, instituiu o reconhecimento e atribuições aos povos indígenas no BRASIL (apud Gonçalves e Mello 2009, p,1 - 2) diz que: “A política integracionista da nova constituição começou a reconhecer a diversidade da sociedade indígena que havia no país mas apontava como objetivo o fim da diversidade.”

A sociedade planejava uma escola para índios que realizasse a igualitariedade da comunidade brasileira conduzindo aos conhecimentos valorizados pela sociedade de origem Europeia. Assim como determina o MEC (apud Gonçalves e Mello 2009, p.1-2): “As línguas indígenas eram consideradas apenas um meio de facilitar a tradução e a aquisição dos conhecimentos dos conteúdos valorizados pela cultura nacional vigente”.



No que se refere à educação indígena, sabe-se que era de responsabilidade da FUNAI (Fundação Nacional Do Índio) e em 1991 passou a ser compromisso do MEC (Ministério da educação) como mostra Faustino (Gonçalves e Mello 2009, p. 2): “Em 1993 o MEC criou um comitê de educação indígena composto por representante de alguns povos indígenas e também criou as Diretrizes para a Política Nacional de Educação Indígena.” Entende-se que para melhor atender as comunidades escolares indígenas foi considerado em 1996, direito à uma educação diferenciada pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e posteriormente no ano de 1999 é que o Conselho Nacional de Educação criou as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena, mantendo politicamente a aprovação das identidades étnicas, valorização das línguas, devolvendo e garantindo suas memórias históricas.

Para tanto, a Constituição Federal garante às sociedades indígenas uma educação escolar diferenciada e o uso de suas línguas maternas e desenvolvimento próprios de aprendizagem como mostra a organização dos estados ibero-americanos 2003 (apud Gonçalves e Mello 2009, p. 2). “A partir da constituição de 1988, os índios deixaram de ser considerados grupos em extinção e passaram a ser reconhecidos como grupo étnicos diferenciados e com direito de manter sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições.”

No entanto, uma das características da educação indígena e o ensino bilíngue, em português e na língua materna, nas próprias aldeias ministrados por professores dessa comunidade indígena, a maioria desses não possuem formação convencional em magistério mas conhece a cultura do seu povo, em língua portuguesa e as demais áreas escolares são consideradas precárias. Sendo assim, os educadores não índios tem situação contrária. Gonçalves e Mello 2009, p 4, ao reproduzir as (orientações do MEC) apontam que:

Os professores não indígenas que atuavam nessas escolas possuíam a formação convencional para a docência e o conhecimento escolar necessário, mas não possuíam saberes culturais dos indígenas, o que provoca discussões e distorções na proposta da educação intercultural em que se baseia a educação indígena.

A lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDBEN) – Lei nº9.394 de 20/12/1996, em seu Art. 79 mostra que:

A união apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino, no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa [...], com os seguintes objetivos:

I – Fortalecer as práticas sociocultural e da língua materna de cada comunidade indígena;

I – manter os programas de formação de pessoal especializado, destinados à educação escolar nas comunidades indígenas;

I – desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

IV – Elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

Assim os programas educacionais, nas áreas indígenas, contemplariam o respeito à particularidade cultural e à formação específica para professores, permitindo a participação de todos na vida em comunidades indígenas e não indígenas.

### **CAPÍTULO 3 - PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA**

Desenvolveu-se a pesquisa em um processo de experimentação pedagógica com enfoque qualitativo e quantitativo, Luked e André (1986) conceituam um estudo desse tipo como sendo uma pesquisa, cuja preocupação central é a compreensão de uma instância singular, ou seja, algo que tenha um valor em si mesmo.

A pesquisa caracteriza-se como sendo pesquisa de campo e de cunho bibliográfico, sobre a temática em foco, com o objetivo de fundamentar teoricamente o estudo ora proposto, o que permite conhecer as impressões, a subjetividade dos vários sujeitos da pesquisa, Demo (1990 apud Teixeira,2001, p.95) quanto à pesquisa diz que: Pesquisar é sempre também dialogar, no sentido específico de produzir conhecimento do outro para si, e de si para o outro. Pesquisar passa a ser ao mesmo tempo, método de comunicação [...] e conteúdo de comunicação. Quem não pesquisa, assiste a comunicação dos outros.

Ainda falando-se em pesquisa Saviani (1989, p.38) ressalta que:

[...] pesquisa é incursão do desconhecido e, por isso, ela pode ficar atrelada aos esquemas lógicos e preconcebidos. O desconhecido só se defere por confronto com o conhecido, isto é, ainda não conhecido, a fim de incorporá-lo mediante a pesquisa ao domínio já conhecido.

Os autores enfatizam que a pesquisa é necessária para se construir saberes, pois o ato da pesquisa permite conhecer o que antes não era conhecido, ou como reforço dos conhecimentos já adquiridos. Quem não pesquisa e não busca inovar, torna-se autônomo e

está sujeito a aceitar rapidamente a opinião alheia, ou meramente tornar-se dominado pelos outros.

### **3.1 Sujeitos da pesquisa**

Nesta pesquisa foram analisados produções de 20 alunos com idade entre 6 e 12 anos, regulamente matriculados na turma múltisseriada do 1º ao 3º ano, acompanhados por dois professores da escola municipal de ensino fundamental indígena Bekwynheite e cinco outros professores de cinco outras escolas situadas em outras aldeias próximas, localizadas nas áreas indígenas do município de São Félix do Xingu –PA.

A pesquisa foi realizada nos meses de março a outubro de 2017, no período matutino. Para analisar o desempenho dos sujeitos, foram necessários a ajuda do professor indígena, levando em consideração as dificuldades encontradas pelos alunos na escrita do pensamento individual e espontâneo ora em língua portuguesa, ora na língua mebêngôkre.

A escola foi escolhida pelo fato de ser localizada em uma aldeia mais próxima da zona urbana do município, sendo que é possível trafegar por maior parte em rodovia no período não chuvoso, e um pequeno percurso por via fluvial. Nesta aldeia, o cacique, a comunidade e os funcionários são prestativos e estão dispostos a contribuir com a participação em pesquisa científica para que os alunos e a comunidade sejam beneficiados com os estudos realizados dentro dela. A escola tem 70 alunos de ensino fundamental I e II e funciona de 1º ao 8º ano.

### **3.2 Instrumentos para coleta de dados.**

Para coleta de dados considerou-se três fases de aplicação de instrumento de pesquisa: a primeira se deu com a aplicação de produção de textos orais através de desenhos, transcrições dos textos pelo professor em março e segunda quinzena de abril de 2017, com o objetivo de avaliar o nível de conhecimento prévios dos alunos.

A segunda fase refere-se à intervenção pedagógica em que foram realizadas dezesseis sessões de intervenções com a utilização de atividades de produção de textos, frases, músicas cantadas, criação de alfabetos ilustrados com desenhos do cotidiano da aldeia (alfabeto kayapó) e etc. Na terceira e última fase, foram realizadas observação e análise das atividades, com a finalidade de verificação dos níveis de cada aluno a evolução dos sujeitos após serem submetidos a observação dos níveis de alfabetização de Emília

Ferrero, a fim de verificar se os sujeitos seguem a passagem de níveis como a autora afirma.

### **3.3 Procedimentos para coleta de dados.**

Para realização da pesquisa de campo, utilizou-se um termo de consentimento de livre e espontânea vontade, questionários compostos de perguntas objetivas, sendo aplicado o questionário com quatro perguntas distribuídas a dois docentes desta escola municipal indígena Bekwynhmexti, onde a pesquisa foi realizada e os outros de escolas indígenas do município de São Félix do Xingu – PA, de acordo com a disponibilidade de cada um dos sujeitos, respondendo satisfatoriamente aos questionários para que assim pudesse aplicá-los com eficácia, no sentido de obter informações sobre ensino e aprendizagem pertinentes a pesquisa.

#### **3.3.1 Instrumento de coleta de dados da pesquisa.**

Diferentes técnicas de intervenção foram utilizadas, fontes secundárias bibliográficas e fontes primárias contribuíram para a apropriação do objeto deste estudo em suas dimensões quantitativas e qualitativas, as fontes secundárias por meio de consulta e a literatura no sentido de conhecer as categorias que regem o objetivo e estudo, as fontes documentais e por meio de consulta a documentos sobre todos os dados apresentados através de tabelas e quadros. Os dados qualitativos evidentemente não expressam apenas o desenvolvimento econômico de um país, mas como este desenvolvimento incide sobre as condições de vida dos cidadãos.

O trabalho é uma pesquisa de campo qualitativa e quantitativa, segundo Teixeira (2005, p.135) afirma sobre a abordagem quantitativa. “A pesquisa deve se preocupar com a generalização, isto é, deve-se buscar conclusão que possam ser generalizadas além dos limites registrados”, pois procura interpretar os fatos apresentados e descrever a complexidades de determinados problemas, analisar, compreender e classificar processos dinâmicos expressar opiniões por apresentados nas proporções como descrever a complexidades do problema em foco, analisando e compreendendo processos dinâmicos que permitam expressar opiniões por meio de dados estatísticos.

#### **3.3.2 Procedimentos de análise de dados.**

Como fontes primárias, os dados quantitativos foram ampliados mediante a aplicação de questionários por entrevistas semiestruturadas aos professores, enquanto para o grupo de alunos foram aplicadas atividades textuais tais como: produção de frases, produção de textos, músicas, reconhecendo a importância da escrita e leitura no contexto escolar e social.

A sistematização do inquérito por entrevista foi organizada da seguinte forma: cada inquérito de entrevista apresenta 4 (quatro) questionamentos acerca do assunto e direcionados aos professores. Os inquéritos por entrevistas podem ser apreciados no Apêndice A, deste trabalho.

As entrevistas foram realizadas de forma individual aos professores selecionados, o conteúdo apresentado nos formulários e os grupos selecionados se referem aos objetivos propostos na pesquisa de forma que a participação durante a coleta de dados aconteceu por conveniência e fundamentou-se na disponibilidade dos entrevistados. A tabulação dos dados ocorreu de forma anônima. A aplicação do questionário aconteceu em locais diversos, como residência, aldeias e escolas, pois dependeu da disponibilidade de tempo de cada pessoa envolvida na pesquisa.

Após a realização da coleta de dados da pesquisa os mesmos foram submetidos à análises. Como instrumentos de análise da parte empírica do trabalho foi utilizada a criação de textos, frases, músicas. Salientando que qualquer técnica (entrevista, atividades) adquire sua força e seu valor exclusivamente mediante o apoio de referencial teórico.

### **3.3.3 Contextualizando o lócus da pesquisa.**

Comprometidos com a transformação da educação social indígena do nosso país, buscou-se investigar uma prática pedagógica que tenha como compromisso maior, analisar métodos aplicados na aquisição da escrita nas séries iniciais das crianças indígenas da turma de alfabetização múltiseriada (1º, 2º e 3º anos). Partindo do surgimento do lócus da pesquisa, buscou-se conhecer sua origem.

### **3.3.4 Um breve histórico.**

A história da educação da aldeia Apexti, começa em meados da década de 2000, quando as terras que hoje são área indígena, pertenciam aos proprietários Nazareno e Rui,

onde os kayapó do Rio Fresco se declaravam donos, em uma revolução com os índios e os mesmos tiveram que evadir o território. O senhor Rui saiu baleado, mas conseguiu sobreviver e hoje reside na zona urbana do município de São Félix do Xingu.

Após a conquista de terras, a população que aqui se encontrava tinha pouca ou nenhuma instrução de conhecimento escolar, mas existindo preocupação por parte da comunidade e caciques, com o intuito de promover o desenvolvimento escolar da população, o cacique Moykram Kayapó teve a iniciativa de se dirigir à secretaria Executiva de Educação de São Félix do Xingu, para solicitar escola indígena para a aldeia.

No ano de 2010, a escola começou a funcionar no prédio onde era o galpão da castanha, funcionando em três turmas das séries iniciais, matutino e vespertino com crianças e noturno com a EJA (Educação de Jovens e Adultos).

**Figura 9 - Foto Primeira Escola Indígena da Aldeia Apexti.**



Fonte: Própria Autora 2017(Primeira Escola Indígena da Aldeia Apexti).

A senhora Regina Mascarenhas dos Santos foi uma das primeiras professoras a contribuir para o nível de escolaridade da população, juntamente com ela, uma merendeira para atender a necessidade da escola e dos alunos. Seus trabalhos foram realizados com muitas dificuldades, faltavam recursos, meios de comunicação e o meio de transporte utilizado pela população era fluvial.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Bekwynheixte levou esse nome em homenagem à filha caçula do cacique Nitim Kayapó, um dos fundadores da aldeia. A escola fica situada a 128 km da zona urbana do município de São Félix do Xingu – PA.

É hoje uma escola de porte pequeno e sua rede física é assim composta: uma casa de madeira telha plan, uma sala de aula, dois quartos para professores, uma cozinha que divide em fazer merenda para os alunos e alimentação para professores, uma dispensa, um banheiro que é utilizado só por professores. Todos os repartimentos têm portas, utiliza água do poço da comunidade que distribui água para toda comunidade, tem uma caixa d'água de quinhentos litros. Esta escola foi construída provisoriamente.

**Figura 10** - Foto Atual Escola Indígena da Aldeia Apexti.



Fonte: Própria Autora 2017(Atual Escola Indígena da Aldeia Apexti).

Já foi feito um novo prédio para ser a escola, de tijolos, telha plan, forrando duas salas de aula amplas, dois banheiros um masculino e outro feminino com escorregador de mão adaptados aos alunos com necessidades educativas especiais ou imobilidade reduzida. A escola tem rampas para facilitar a locomoção de cadeirantes, uma cozinha ampla com armários embutidos na parede, uma sala de professores, uma área, o piso é de cerâmica, e será inaugurada no ano de 2018.

No Brasil temos vários instrumentos que certificam o direito das pessoas com necessidades especiais baseados na Constituição Federal Brasileira de 1988, Art. 5º, que diz: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos



brasileiros [...] a inviolabilidade de seu direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...].”

A acessibilidade é bastante abrangente, vai muito além de evidências referentes a espaço físico. Numa percepção mais ampla, acessibilidade é condição de possibilidade para alteração dos impedimentos que dificultam a participação de pessoas em diversos ambientes da vida social. O Decreto 5.296/04, em Artigo 8º, considera acessibilidade:

Condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações dos serviços de transportes e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida. (BRASIL, 2004, Art.8º).

Portanto fica claro que acessibilidade se manifesta em várias áreas, inserindo aquelas de natureza física, tecnológica, linguística e pedagógica, informacional, comunicacional, atitudinal, entre outras.

**Figura 11 - Foto Atual será inaugurada no ano de 2018, Escola Indígena da Aldeia Apexti.**



Fonte: Própria Autora 2017(Atual será inaugurada no ano de 2018, Escola Indígena da Aldeia Apexti).

**Figura 12 - Foto Atual será inaugurada no ano de 2018, Escola Indígena da Aldeia Apexti.**





Fonte: Própria Autora 2017 (Atual será inaugurada no ano de 2018, Escola Indígena da Aldeia Apexti).

São quatro turnos da atual escola em funcionamento, matutino: uma turma multisseriada do primeiro ao terceiro ano do ensino fundamental, uma turma de intermediário de quarto e quinto ano, uma turma de sexto ano no período da tarde, uma turma de oitavo ano no período noturno. No total são setenta alunos atendidos nos quatro períodos.

O atual quadro de recursos humanos é assim composto: sete funcionários de nível fundamental I, um professor pós-graduado, outro cursando nível superior.

O quadro administrativo é composto por um diretor formado em pedagogia, mas que atende no departamento indígena na zona urbana, uma secretária geral que atende todas as escolas das aldeias do município São Félix do Xingu, no departamento indígena na cidade. O quadro de servidores de serviços gerais com três pessoas, entre eles dois serventes, um merendeiro, todos com nível de ensino fundamental I.

A Escola Bekwynhmexti é composta também de dois professores indígenas que auxiliam na tradução do português para o kayapó e atuam nas séries iniciais, cursando o ensino fundamental II.

A escola não tem conselho escolar, nem plano político pedagógico. A coordenadora e quatro auxiliares de nível superior orientam professores do ensino fundamental da área indígena.

Já o planejamento escolar foi elaborado no ano de 2017 por cada escola, por unidades de séries, com participação de professores, selecionando conteúdos que serão ministrados durante o ano, sob divisão em bimestre, suprimindo a necessidade prioritária de cada turma.

Ao unir os mecanismos de valores dos funcionários a cada especificidade humana, as suas funções, as influências e costumes, o respeito e a solidariedade do ambiente escolar familiarizado à igualdade e adaptação a práticas de socialização, verifica-se a importância de ressaltar que o compromisso e estímulo motivam uma educação indígena trabalhada em parceria. As conquistas do processo ensino aprendizagem não são só escrita e leitura, pois sem toda uma estimativa de avaliação não se proporciona o relacionamento que as envolve.

## CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### **4 Análise e discussão dos resultados.**

Descreve-se, neste capítulo, o estudo realizado observando e analisando a aplicação do método da Emília Ferreiro na Aquisição da Leitura e Escrita nas Séries Iniciais. Na investigação realizada, manteve-se claros os elementos do estudo de caso com enfoque qualitativo e quantitativo, na medida em que foram focalizados os níveis propostos pela Emília Ferreiro a partir dos procedimentos elaborados pelo sujeito na construção, reconstrução da escrita e linguagem. Em função das particularidades desta situação, acredita na manifestação do fenômeno investigado realizou-se de forma ampla e natural como determinam os pesquisadores, Lukd e André(1986).

A princípio os dados coletados sobre a caracterização dos sujeitos da investigação, mostram que as dificuldades encontradas por eles dizem respeito ao ritmo lento, demora a iniciar as aulas, às vezes por paralisação, por motivo de festas culturais e também pela falta de compreensão em geral da língua portuguesa, ou por se situarem novamente na sala de aula. As dificuldades na língua portuguesa são relacionadas à criação própria de textos, frases e interpretação.

No primeiro item, foram apresentadas as dificuldades em leituras de imagens, desenvoltura da linguagem oral e logo adiante e escrita de nomes em geral, criação de frases e textos. Em relação a escrita e leitura apresentam-se dificuldades em relação a iniciativas, atitudes de modo geral concentram-se em atividades musicais e jogos, a maioria dos alunos apresentam motivação, sendo poucos dispersos durante os desenvolvimentos das tarefas individuais.

Os dados da pesquisa foram coletados em 12 sessões de intervenções pedagógicas dentro do horário de aula com duração de duas horas, assim distribuídos:

1<sup>a</sup> Semana: Aplicação de escrita ilustrativa, leitura oral e interpretação de textos criados pelos alunos.

2<sup>a</sup> Semana: Alfabeto da língua mebêngôkre e da língua portuguesa.

3<sup>a</sup> Semana: Atividades relacionadas ao alfabeto mebêngôkre: alfabeto ilustrado com coisas do cotidiano da aldeia.

4<sup>a</sup> Semana: Apresentação, identificação, escrita do próprio nome e de colegas de aula.

5ª Semana: Apresentação, identificação, escrita do próprio nome e de colegas de aula e identificar a primeira letra do nome no alfabeto, brincadeira de roda e cantiga, a canoa virou.

6ª Semana: Atividades relacionadas a escrita e leituras de nomes de animais, pessoas, objetos e frutas. Brincadeiras adedonia, leitura do alfabeto.

7ª Semana: Atividades relacionadas à criação de frases, montar alfabeto com letras móveis.

8ª Semana: Atividades relacionadas à criação de textos através de gravuras.

9ª Semana: Atividades relacionadas à criação de texto oral com participação de todos os alunos e escritos pelo professor.

10ª Semana: Atividades relacionadas a ouvir histórias contadas por um velho. A origem da chuva.

11ª Semana: Atividades relacionadas à criação de ilustração e produção de texto.

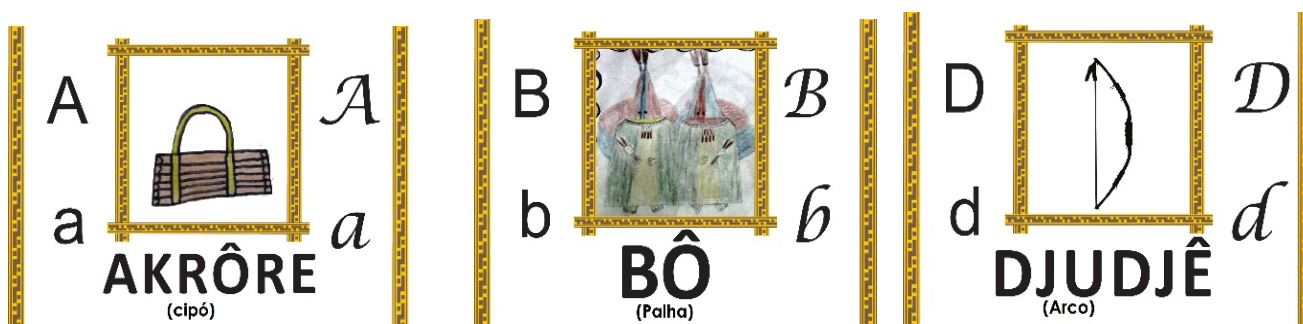
12ª Semana: Leitura de nomes: pescaria e fechamento das atividades.

Considerando os aspectos apontados na função teórica e na metodologia realizaram-se, todas as sessões de interversões e todas as atividades com matérias adotados. Histórias lidas através de ilustrações, escrita e leitura de nomes, frases de textos, cantigas educativas. Em todas as semanas ao iniciar e finalizar as atividades envolvendo linguagem, foram trabalhadas cantigas.

#### 4.1 Alfabeto ilustrado da língua mebêngôkre.

Algumas destas ilustrações do alfabeto foram criadas e outras são colagem feitas pelos alunos da turma foco da pesquisa, e teve como objetivo: Identificar as letras do alfabeto mebêngôkre e distinguir o som de cada letra relacionada com a ilustração de coisas do cotidiano da própria aldeia.

Figura - Alfabeto



E E  
e e  
**EPEXU**  
(Livro de Efésios)

G G  
g g  
**GOROTIRE**  
(Nome de Aldeia)

I I  
i i  
**IKOP**  
(Unha)

J J  
j j  
**JEJU**  
(Jesus)

K K  
k k  
**KÔP**  
(Burduna)

M M  
m m  
**MÁTKRWÝ'Y**  
(Feijão)

N N  
n n  
**NA**  
(Chuva)

O O  
o o  
**OMRÕ**  
(Comida)

P P  
p p  
**PÀT**  
(Tamanduá)

R R  
r r  
**ROPKRORI**  
(Onça)

T T  
t t  
**TEP**  
(Peixe)

U U  
u u  
**UKAJ**  
(Pedra do Curisco)

Y Y  
y y  
**YKAMRÊKTIRE**  
(Grãos de Milho Vermelho)

ÿ ÿ  
ÿ ÿ  
**ÿ**  
(Amargo)

W W  
w w  
**WEWERE**  
(Borboleta)


X X  
x x  
**xêr**



Vogais.


VOGAIS

A A  
a a



**AKRÔRE**  
(cipó)

'Ă 'Ă  
'ă 'ă



**'Ă**  
(Coração)

À À  
à à




**ÀUKRE**  
(Nome de Aldeia)

E E  
e e



**EPEXU**  
(Livro de Efésios)

Ê Ê  
ê ê



**Ê**  
(aranha)

Ë Ë  
ë ë




**Ë**  
(Olha)

I I  
i i



**IKOP**  
(Unha)

Ī Ī  
ī ī



**ĪRY**  
(Cobra Coral)

O O  
o o




**OMRÕ**  
(Comida)

Õ Õ  
õ õ



**ÕTONO**  
(Dormi)

Ô Ô  
ô ô



**Ô**  
(folha)

Ū Ū  
ū ū



**ŪPĀNHDJWÝ**  
(Sogra)

Y Y  
y y




**YKAMRÊKTIRE**  
(Grãos de Milho Vermelho)

ÿ ÿ  
ÿ ÿ



**ÿ**  
(Amargo)

ÿ ÿ  
ÿ ÿ



**ÿM**  
(Andar)

Autor: Troncarelli (2015, p.8)

Como pode ser usado:

Sugestões de atividades.

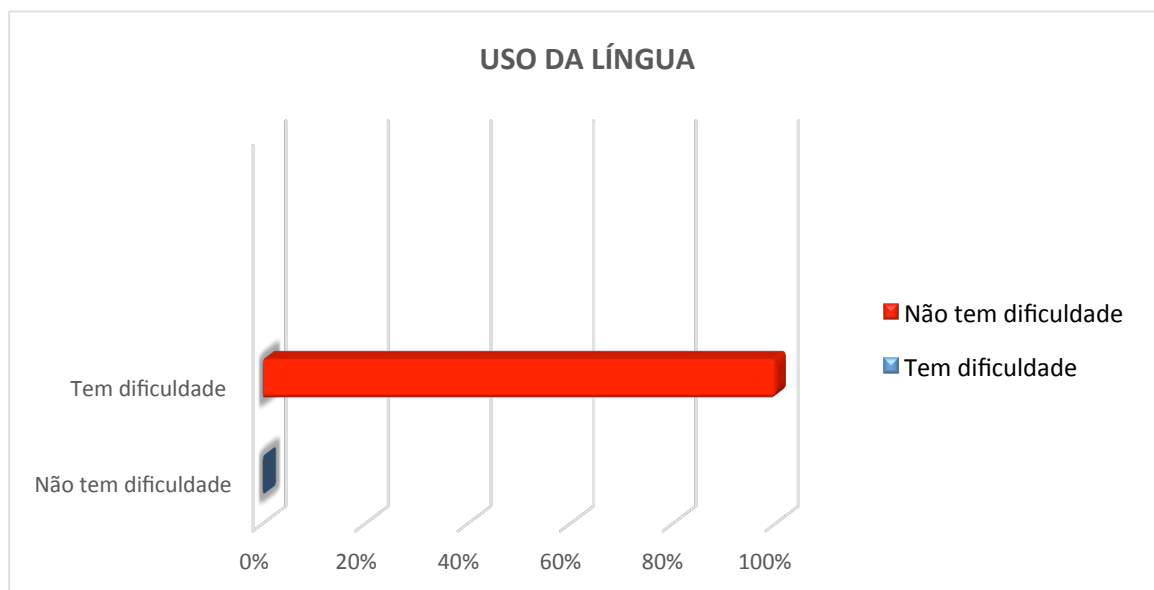
- \_ Leitura em ordem alfabética.
- \_ Relacionar imagem com letra inicial.
- \_ Reconhecer a letra inicial do próprio nome e de colegas no alfabeto.
- \_ Brincadeira do adedonha com letra do alfabeto e outras.
- \_ Exposição no cantinho de leitura.

Fonte: Própria autora 2017.

#### **4.2 Análise da pesquisa aplicada aos professores**

Para analisar o problema e testar os pressupostos apresentados foram utilizados os resultados das entrevistas realizadas com 7 professores responsáveis pelas salas. O levantamento censitário feito com 7 professores transformou-se em amostra. Referente ao questionário entre grupo pesquisado: “Qual dificuldade encontrada pelo professor de língua portuguesa no ensino bilíngue mebêngôkre?” Analisei e observei que os 7 professores (100%) afirmam que a maior dificuldade é a falta de domínio da língua mebêngôkre.

## GRÁFICO – 01 Uso da língua indígena



Fonte: Autora. Ano 2017

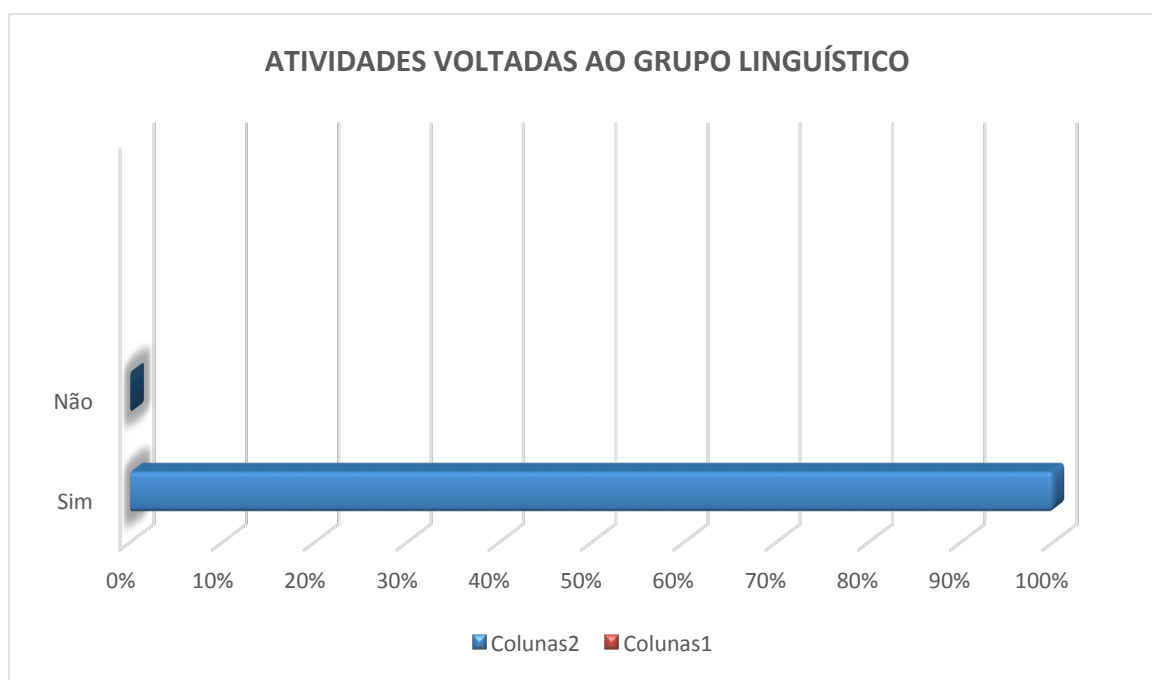


### Gráfico - 01: Dificuldades apresentadas pelos professores quanto ao domínio da língua mebêngôkre.

Conforme os dados representados assim, percebe-se que a maioria dos docentes encontra dificuldades para trabalhar o ensino bilíngue mebêngôkre.

Quando se analisa o segundo questionamento “Em que circunstância uma intervenção pedagógica via leitura, favorece no ensino aprendizagem bilíngue da disciplina de línguas?” Apesar de não dominar de forma profunda a língua kayapó, todos os sete, ou seja, (100%) dos entrevistados ressaltaram que atividades voltadas ao grupo linguístico e cultural têm uma relação positiva no ensino bilíngue, a falta de materiais didáticos diferenciados e específicos, não permanência assídua do professor tradutor indígena dificulta uma intervenção eficiente.

### GRÁFICO – 02 Atividades



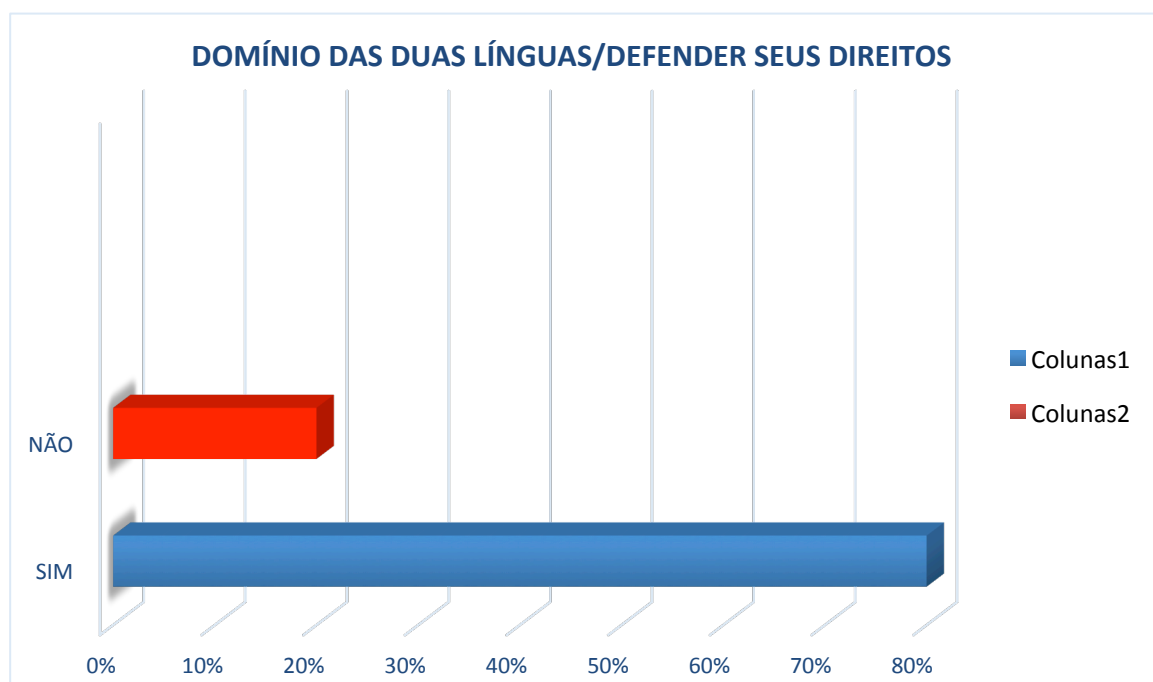
Fonte: Autora. Ano 2017

## Gráfico – 02: Relação da Língua no ensino bilíngue.

Apesar de 100% deixarem claro que as atividades voltadas ao grupo linguístico favorece o ensino e aprendizado, principalmente nas séries iniciais, faltam materiais didáticos voltados para o grupo linguístico e o professor indígena que domina a língua e acompanha a turma juntamente com o titular, muitos deles são faltosos. Quando se pergunta: “Qual a importância da leitura e escrita no processo do ensino aprendizagem bilíngue da disciplina de língua? Oitenta por cento (80%) dos entrevistados consideraram que dominar as duas línguas contribui para relacionar-se melhor com a sociedade branca e defender seus direitos garantidos na Constituição brasileira.

Observe o gráfico-03 abaixo.

### GRÁFICO-03 Domínio das Línguas



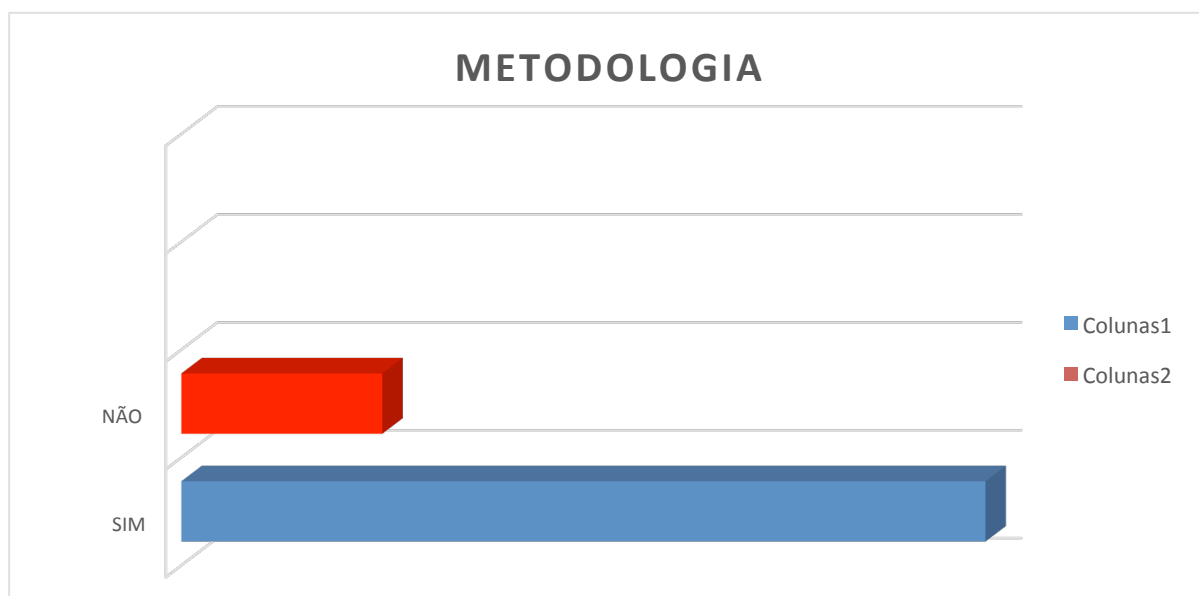
Fonte: Autora. Ano 2017

### Gráfico – 03: Dominar as duas línguas importante para defender seus direitos.

No quarto e último questionamento, fica claro que as metodologias aplicadas pelos professores nem sempre contribuem de maneira satisfatória.

Existem professores que não conseguem desenvolver habilidades metodológicas assertivas para trabalhar o ensino bilíngue, pois ao dirigir o questionamento seguinte: “A metodologia utilizada pelo professor favorece no processo ensino e aprendizado do ensino bilíngue?”, entre os sete (7) envolvidos na pesquisa 80% relatam que a metodologia utilizada contribuir para o processo ensino aprendizagem, porém 20% ainda apresentam dificuldades em aplicar esses procedimentos metodológicos para trabalharem o ensino bilíngue. O gráfico – 04 abaixo representa as opiniões de maneira mais clara.

### GRÁFICO – 04 Metodologia



Fonte: Autora. Ano 2017

### GRÁFICO – 04: Metodologia utilizada favorece o processo de ensino e aprendizagem.

Para (Fernandes apud Mazzota 1993, p.128):

[...] quando a escola despoja-se de todos os elementos essenciais ao desempenho exigido e produtivo de suas funções, como acontece entre nós, o professor aparece como o alfa e o Ômega, do ‘bom’ e do ‘mau’ ensino. Torna-se a pedra de toque do rendimento do trabalho escolar e do grau de sucesso da escola na realização de

suas funções. [...] onde a escola se organiza e opera em escala de mínimos, avulta a figura do professo e a importância de sua contribuição educativa no seio da escola.

A posição do educador é necessária para que, na instituição de educação infantil, as crianças possam, em ocasiões de interação social ou sozinhas, ampliar suas capacidades de aquisição das diferentes linguagens, códigos escritos e sociais, por meio da expressão e comunicação de sentimentos e ideias, da reflexão, da elaboração de perguntas e respostas. Para isso, o educador deve conhecer e considerar as singularidades das crianças de diferentes culturas e meio social, com as quais trabalham respeitando suas diversidades e ampliando suas ações de socialização.

### **4.3 Análise da pesquisa aplicada aos alunos.**

A introdução de métodos alfabéticos como ferramenta em auxiliar no processo de Aquisição da Escrita e Leitura vem sendo objeto de discussões entre linguistas de muitos países, como ocorre o processo de ensino aprendizagem para isso fez-se necessário apoderar-se de elementos da realidade de tal forma a atribuir-lhes novos significativos.

A Aquisição da Leitura e Escrita nas Séries Iniciais são valiosas, principalmente para crianças nas quais se firmam os alicerces da aprendizagem. A intervenção pedagógica e a escolha do método adequado no momento vivenciado favorecem na aprendizagem da criança, auxiliando-as a superar progressivamente uma capacidade em relação à linguagem de forma criativa. Escrever e ler contribui na desenvoltura do convívio, no âmbito de grupos sociais e culturais diversos. Além das experiências e dos conhecimentos sobre a importância da Aquisição da Leitura e Escrita no Ensino Bilíngue e o uso de métodos de alfabetização, dados mostram que a grande maioria dos profissionais de educadores entrevistados relatam que têm dificuldades para trabalhar com este ensino e metodologias que envolve construtivismo.

Sendo assim, percebeu-se que são múltiplas as dificuldades e quebra de segmentação por parte de alunos na área do método em estudo. Com o resultado desta pesquisa fica nítida a necessidade de haver uma revisão sobre o moderno método do ensino da escrita e leitura nas séries iniciais, oferecer cursos e formações continuadas com o objetivo de possibilitar melhor preparação e qualificação de profissionais para o desenvolvimento e efetuação da psicogênese da escrita no ensino bilíngue, contribuindo para o avanço da aprendizagem e também no desenvolvimento do processo educacional como um todo. Pois a escola é um contexto em que os alunos precisam desenvolver-se futuramente e que necessitam estar preparados para enfrentar sua vida futura.

Portanto, cabe à escola e aos professores propiciar ambientes que possibilitem a inclusão de métodos na metodologia de ensino bilíngue da escrita, pois a escrita e leitura nas séries iniciais quando bem desenvolvidas, e com um propósito definido desenvolvem a linguagem tornando suas relações pessoais positivas, habilidades de expressar sentimentos, experiências, ideias e opiniões. Assim como receber, interpretar e levar em conta os dos outros opondo-se quando necessários superando progressivamente suas aquisições de forma criativa pois:

Os conhecimentos linguísticos construídos por uma criança que inicia o primeiro ciclo serão tanto mais aprofundados e amplos, quanto o permitirem as práticas sociais mediadas pela linguagem das quais tenha participado até então. É pela mediação da linguagem que a criança aprende os sentidos atribuídos pela cultura às coisas, ao mundo e às pessoas; é usando que constrói sentidos sobre a vida, sobre si mesma sobre a própria linguagem. (PCN's, língua portuguesa, 1997, P.101).

Conclui-se com este pensamento de que a linguagem e a escolha do método adequado com à realidade é muito importante para o desenvolvimento de uma compreensão das ideias da escrita, buscar no contexto os elementos básicos para favorecer melhor a compreensão e aquisição da escrita.

A partir do foco desta pesquisa, nota-se a relevância de sensibilização dos educadores e profissionais da educação para introdução do método em estudo no ensino bilíngue. Partindo desse pressuposto, percebe-se que outros métodos como mostra Mortatti (1999, p.6) “cartas de ABC”, estabelecido por João de Deus, analítico e sintético influenciado por Pedagogia Norte Americana, e o mais moderno, como a psicogênese de Emília Ferreiro, estão presentes na forma de organização do ensino da escrita.

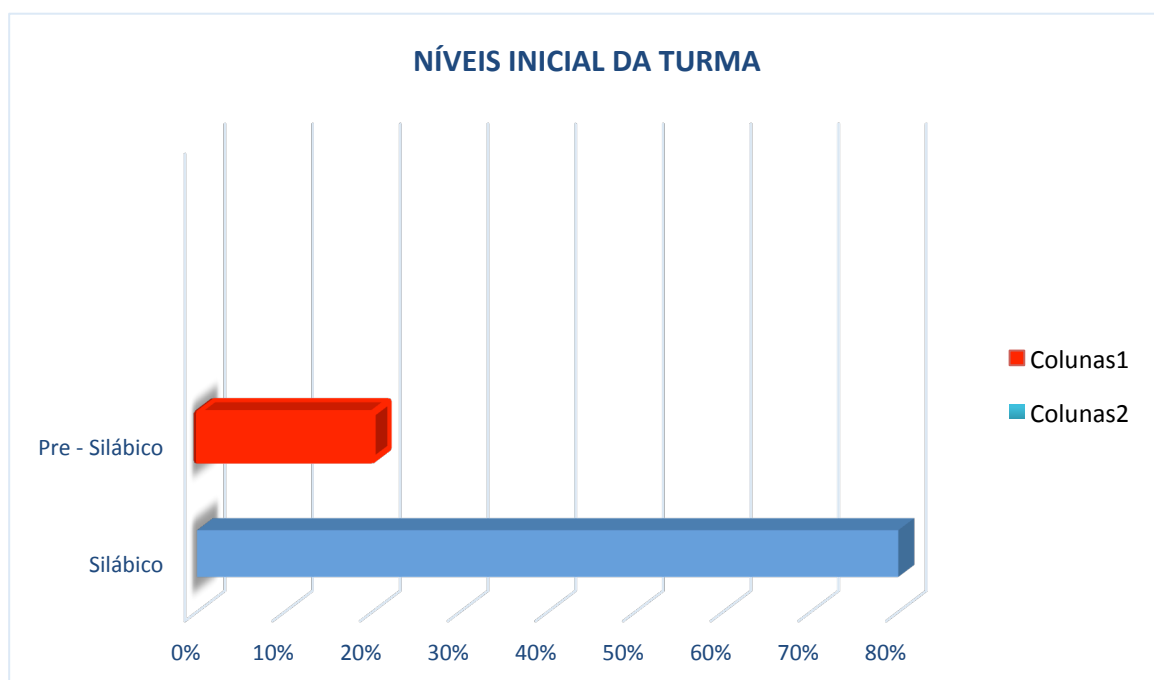
Pode-se afirmar que há complexidade em efetuar os modernismos no ensino da escrita, visto que manter métodos já existentes é como se desconsiderasse o novo, a aceitação do novo é como certificar-se do avanço científico e neste pode haver falhas. É necessário que professores alfabetizadores compreendam, pensem o que do passado pode permanecer e o do novo pode ser efetivado. Meio a métodos, ainda existem dificuldades na aquisição da escrita no ambiente escolar.

A pesquisa de campo foi realizada na sala multisseriada do 1º ciclo A do ensino fundamental I, onde se trabalhou com 20 crianças na faixa etária de 6 a 14 anos de idade. No primeiro momento fui apresentada à turma pela professora e professor indígena que acompanham a turma, quando as crianças tiveram total atenção e entusiasmo para realização das atividades propostas. Iniciou-se o trabalho de pesquisa com a introdução de

cantiga de acolhimento (olá companheiros). Logo após foi entregue uma folha em branco, lápis de cor para desenhar onde estariam e o que faziam no período antes de iniciar as aulas, em seguida fazer leitura da ilustração.

Com a aplicação do exercício percebeu que dos 20 alunos envolvidos no processo, seis estavam no nível Pré – silábico, grafismo primitivo e 14 no nível silábico, coordenam a ilustração criada, as ilustrações dão para serem lidas visivelmente.

#### **GRÁFICO – 05 Níveis inicial da turma.**



#### **Gráfico – 05: Níveis Inicial: Pré – Silábico e silábicos.**

Fonte: Própria autora. Ano 2017

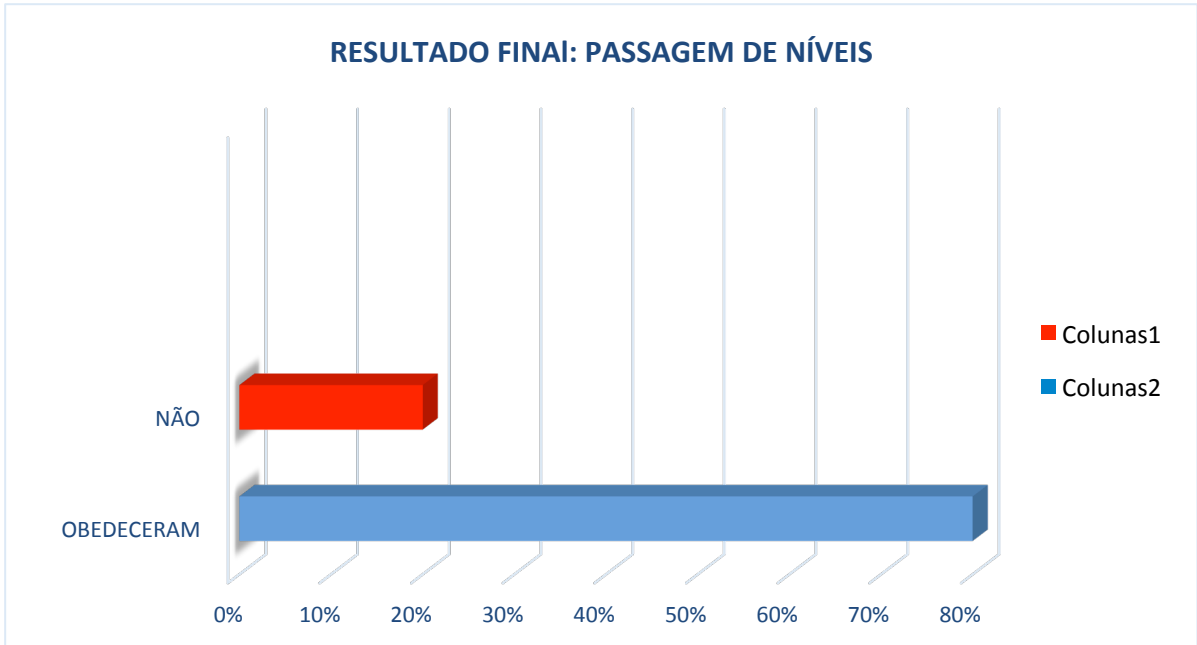
No gráfico – 05, fica bem claro em que níveis alfabéticos se encontram os alunos, até o dado momento ainda não havia realizado as intervenções e observações pedagógicas como: criações de nomes, frases e textos.

O alfabeto mebêngôkre com ilustrações do cotidiano da vida na aldeia foi utilizado na realização das atividades de escrita de nomes, criação de frases e criação de textos. A princípio notei que uma pequena quantidade de alunos teve dificuldades na escrita, tanto estes alunos como os que já apresentavam desenvoltura na escrita, necessitavam de um acompanhamento ora individual ou em grupos pequenos, para se fazer uma investigação e compreender o raciocínio lógico da criança e em seguida uma intervenção pedagógica significativa. Sendo assim, durante o período da pesquisa observei que as crianças apresentaram interações satisfatórias com os objetivos propostos nas atividades.

No entanto percebi que, ao encerrar a pesquisa, dezesseis alunos obedeceram a ultrapassagem de níveis, finalizando 06 no nível silábico, 10 no nível alfabético e 4 não obedeceram as etapas de passagem de níveis de Emília Ferreiro, durante o 1º, 2º e final do 3º bimestre o quarteto demonstravam inibidos na escrita, permanecendo neutros na realização das atividades, o professor esforçava muito em ajudá-los, no quarto bimestre estes exploram o conhecimento acumulado e ocultado pulando do nível silábico alfabético para o ortográfico. O gráfico -06 mostra esses dados com mais precisão.

#### **GRÁFICO – 06 Resultado final.**





Fonte: Própria autora. Ano 2017

### **Gráfico – 06: Resultado final: passagem de níveis.**

A partir do foco desta pesquisa, percebi uma pequena relevância no que diz respeito ao construtivismo que busca incentivar o aluno a argumentar, questionar, construir e reconstruir a escrita, a indagação e exploração crítica, a escrita exige acompanhamento individual ou em pequenos grupos, não é possível trabalhar o construtivismo em uma turma grande de alunos, é necessário reduzir ao mínimo possível.

Acredita-se que a metodologia utilizada nesta pesquisa possibilitou que os resultados encontrados fossem ao encontro dos objetivos da pesquisa. Com a dinâmica aplicada foi possível conhecer o desenvolvimento da psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro, e ficou clara que a relevância da aprendizagem inicial da língua escrita não está atribuída a seguir determinado método e sim priorizar o sujeito da aprendizagem no meio do processo com sua individualidade e peculiaridade. Hoje sei que o ensino da língua escrita bem direcionada pelo professor, contribuirá em benefícios intelectuais no decorrer da vida do aluno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa visão bem ampla, é concebível que cada pesquisador ao escolher a temática e eleger o lócus da pesquisa de campo, enfoque os objetivos a serem alcançados e as estratégias que pretende utilizar para obtenção dos resultados.

Nesta perspectiva o estudo foi desenvolvido e de modo geral entendo que os objetivos foram alcançados, mesmo porque as hipóteses levantadas e os questionamentos feitos foram respondidos a contento. Portanto, observou-se no contexto educacional uma grande preocupação por parte dos professores em fazer com que os alunos aprendam a escrever e ler, se preocupando em melhorar cada vez mais seu próprio conhecimento na cultura e língua Mebêngôkre, no intuito de proporcionar um ensino com mais eficácia.

Através da análise da psicogênese da escrita, proposta de Emília Ferreiro, passa-se a ter uma imagem concreta, facilitando a sua compreensão. Os alunos vão além da compreensão, há uma notável diferença na passagem de níveis, enquanto alguns obedeceram gradativamente e outros ultrapassaram, concretizando a aquisição da escrita com sucesso. Através dos aspectos que valorizam o papel do sujeito como construtor de seu próprio conhecimento, é que se valoriza o meio como desencadeador dessa construção e que formulou o problema que orientou a presente pesquisa: A metodologia utilizada pelo professor favorece a aquisição da escrita no ensino bilíngue?

Com este trabalho procurou-se analisar como ocorre a Aquisição da Escrita, onde foi introduzido, atividades de produção de textos favorecendo a construção e o desempenho da escrita das crianças da sala multisseriada da alfabetização das séries iniciais.

Os dados foram obtidos em três momentos distintos: diagnóstico, situação de intervenção e verificação final das informações obtidas das produções de textos escritos e leituras. A análise qualitativa dos resultados apontou grande progresso, tanto no que concerne à construção da escrita, como na desenvoltura da leitura.

As ações e reflexões favorecidas reforçam a necessidade de os alunos das séries iniciais do ensino bilíngue serem alfabetizados por educadores que dominam as duas línguas. Nas situações de produção textual é preciso compreendê-los para isso os artifícios são a língua materna e cultura. Demonstrou-se nesta pesquisa que a participação, interesse estão vinculadas nas aulas proporcionadas por falantes de sua própria língua.

De acordo com as informações alcançadas com o auxílio das obras dos renomados teóricos citados no desenvolvimento do presente trabalho, pôde-se constatar que a alfabetização exerce um papel importante no processo de aprendizagem das crianças como os educadores precisam sempre estar em busca por metodologias e métodos modernos, uma forma significativa para a aquisição da escrita. O método analisado é pauta de um cenário de discussões entre linguísticas de vários países, a veracidade da psicogênese da linguagem escrita da autora em estudo mostrou-se falho quanto ao segmento dos níveis de alfabetização citados por ela.

Em suma, a experiência de desenvolver um trabalho desta magnitude, abordando sobre um tema extremamente relevante e complexo foi de fundamental importância para eu enquanto pesquisadora, pois de modo geral abordou-se sobre a Aquisição da Escrita nas Séries Iniciais no Ensino Bilíngue, na essência trilhei pela experiência de vivenciar momentos ímpares junto com alunos, professores e comunidade que busca continuamente encontrar mecanismos que possibilitem um melhor atendimento aos alunos.

## REFERÊNCIAS

ANDRIOLI, Luciana Regina. Presença e significado da escola: estudo sobre a comunidade bilíngue Kaingang de Faxinal no Paraná. 182 f. Dissertação (Mestrado em 26 Educação). Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Rosangela Célia Faustino. Maringá, 2012.

ANDRIOLI, Luciana Regina. MORI, Nerli Nonato Ribeiro. FAUSTINO, Rosangela Célia. Leitura e escrita: estudo sobre a alfabetização e o bilinguismo Kaingang na Terra Indígena Faxinal. In: Seminário de Pesquisa do PPE. Anais... Maringá: UEM. 2010. Disponível em:

[http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2009\\_2010/pdf/2010/001.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/001.pdf). Acesso em: 20 Jul. 2013. BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n° 1/92 a 46/2005 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão, n° 1 a 6/94. Brasília, DF: Senado Federal, 2005.

BRASIL. **Sistema Educacional Brasileiro** – Educação Indígena. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/sobre/educacao/sistema-educacional-brasileiro/educacaoindigena> acesso em 13/09/1.

BRASIL, República Federativa do Brasil, em 2004. Decreto 5296/04, disponível em [www.planalto.gov.br/ccivil/03/ato2004.../2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil/03/ato2004.../2004/decreto/d5296.htm), acesso em 22 de julho de 2014.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Centro Gráfico do Estado Federal, 1988. \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Desporto. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Congresso Nacional, 1996. \_\_\_\_\_. Presidência da República. Programa Nacional de Direitos Humanos. Brasília: Ministério da Justiça, 1996. \_\_\_\_\_. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. B823 p, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília:1 Parâmetros Curriculares Nacionais:2. Língua Portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. I Título.

BRASIL. Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar. Brasília: MEC/SEF/DPEF, 1994.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular para as Escolas Indígenas. Brasília: MEC/SEF, 1998. \_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: . Acesso em: 10 mar. 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto/ Conselho Nacional de Educação. Parecer 14/99. Brasília, DF, 1999. Disponível em: . Acesso em: 12 jun. 2012. \_\_\_\_\_. Câmara de Educação Básica/ Conselho Nacional de Educação. Resolução CEB nº 3, de 10 de novembro de 1999. Fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 nov. 1999. Seção 1, p. 19.

BARROCO, Sonia Mari Shima; CHAVES. Marta FAUSTINO, Rosangela Célia; CHAVES. Marta. Leitura, escrita e bilinguismo na educação escolar indígena. In: FAUSTINO, Rosangela Célia; CHAVES. Marta.; BARROCO, Sonia Mari Shima. Intervenções pedagógicas na educação escolar indígena: contribuições da teoria histórico cultural. Maringá: Eduem, 2008. p.153-168

BROSTOLIN, Marta Regina. Educação Indígena: um olhar por meio da legislação educacional e a busca por uma etnoeducação. In. Período do Mestrado em Educação da UCDB, Campo Grande, MS: UCDB, nº 15 – Série Estudos, junho de 2003, p. 93-100.

BURATTO, Lucia Gouvêa. Educação escolar indígena na legislação atual. In: FAUSTINO, Rosangela Célia; CHAVES. Marta.; BARROCO, Sonia Mari Shima. Intervenções pedagógicas na educação escolar indígena: contribuições da teoria histórico cultural. Maringá: Eduem, 2008. p. 57-73

CAGLIARI, L.C. **Alfabetização & linguística**, Ed. Scipione São Paulo, 2007.b

CÒRIA-SABINI, M.C. **Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo.Ed. Ática,1993 – Apostila do Curso de Pedagogia – **Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento**.

DAVIS, C. Oliveira, Z.M.R. **Psicologia na Educação**. 2º Ed. Ver, (coleção Magistério. 2º grau. Série Formação do Professor). São Paulo, Ed.Cortez, 1.994. - Apostila do Curso de Pedagogia para Séries Iniciais – **Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento**.

DIAS, Antônio Gonçalves. Relatórios e diários da viagem do Rio Negro. Rio de Janeiro: ABL, 2002.

FAUSTINO, R. C. Política educacional nos anos de 1990: o multiculturalismo e a interculturalidade na educação escolar indígena. 2006. 330 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. 27

FAUSTINO, Rosangela Célia. História da educação escolar indígena No Brasil: da assimilação à tolerância. In: FAUSTINO, Rosangela Célia; CHAVES. Marta.; BARROCO, Sonia Mari Shima. Intervenções pedagógicas na educação escolar indígena: contribuições da teoria histórico cultural. Maringá: Eduem, 2008. p. 35-56

FAUSTINO, Rosangela Célia. Teoria Histórico Cultural e educação indígena: uma experiência com a escola dos kaingang no Paraná. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 70-84, Jan/Abr 2012.

FAUSTINO, R. C. Política educacional nos anos de 1990: o multiculturalismo e a interculturalidade na educação escolar indígena. 2006. 330 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. \_\_\_\_\_. Aprendizagem escolar entre os Kaingang no estado do Paraná: questões sobre língua, alfabetização e letramento. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p. 213-219, jul./dez. 2010. Disponível em: . Acesso em: 30 Mar. 2013. Instituto Socioambiental (ISA). Disponível em: < <http://www.socioambiental.org/> > Acesso em: 23 Ago. 2013.

FAUSTINO, R. C. **Políticas educacionais e educação escolar indígena** no Paraná. Universidade Federal de Santa Catarina: [201-?]. Disponível em <http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/936-of10b-st3.pdf> acesso em 13/09/1.

FERREIRO, Emilia. Alfabetização em Processo. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emilia; Teberosk, Ana. A Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Medicas 1985.

FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre Alfabetização. São Paulo: Cortez, 2001.

<http://www.artigos.com/artigos-academicos/3044-hipoteses-de-alfabetizacao-segundo-emilia-ferreiro-e-ana-teberosky>

FERREIRO, Emília. A estudiosa que revolucionou a alfabetização. <https://novaescola.org.br>, acessado em 21/03/2018

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emília; Teberosk, Ana. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas 1985.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.  
<http://www.artigos.com/artigos-academicos/3044-hipoteses-de-alfabetizacao-segundo-emilia-ferreiro-e-ana-teberosky>

FERREIRO, Emília, com todas as letras; Emília Ferreiro; tradução de Maria Zilda da Cunha Lopes; **retradução e cortejos de textos** Sandra TrabunccoValenzuela. – 13 . ed – São Paulo : Cortez, 2005. Biblioteca da Educação - Serie 8 – Atualidades na Educação - v , 2, 1. Alfabetização 2. Alfabetização – Métodos 3.leitura I .Titulo. p 1- 106.(2

FREIRE, José Ribamar Bessa. Fontes Históricas para a avaliação da escola indígena no Brasil. In. Revista Tellus, Campo Grande: UCDB, ano 2, nº 3, outubro de 2002, p. 87-98.

GONÇALVES, E.; MELLO, F. **Educação Indígena**. Colégio Estadual Wolf Klabin. Telêmaco Borba, 2009. Disponível em <http://estagiocewk.pbworks.com/f/emily+e+fernanda.pdf>, acesso em 12/09/1.

IBOPE e Instituto Paulo Montenegro (acesso 2015)

LEONTIEV, Alex. O desenvolvimento do psiquismo. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LUKED, M; ANDRE, M, E, D, A, **Pesquisa Em Educação: abordagens qualitativas**. SÃO PAULO: Pedagogia e Universitária, 1996.

LUKESCH, Anton. 1976 [1969]. **Mito e vida dos Caiapós**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

LUKED, M; ANDRE, M, E, D, A, **Pesquisa Em Educação: abordagens qualitativas**. SÃO PAULO: Pedagogia e Universitária, 1996.

LUKESCH, Anton. 1976 [1969]. **Mito e vida dos Caiapós**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.



Leitura – citações, Frases e Aforismos-...www.citada.pt>frases>citações>leitura.acessado em 28/03/2018

MAGALHÃES, E. D. (org). **Legislação Indigenista Brasileira e Normas Correlatas**. 3. ed. Brasília, 2005.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. Trabalho Docente e Formação de Professores de Educação Especial/E.P.V. – Editora Pedagógica e Universitária L. T.D.A. São Paulo. (S.P.) 1993.

MONTE, Nietta Lindemberg Entre o silêncio em língua portuguesa e a página branca da escrita indígena. Em Aberto, Brasília, ano 14, n. 63, 1994.

MORTATTI, M.R.L. Uma proposta para o próximo milênio: o pensamento interacionista sobre alfabetização. Presença pedagógica. Belo Horizonte, v.5, n.29, p, 22 – 27. Set/out/1999.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E ESPORTE. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para escolas indígenas. Brasília: MEC/SEF, 1998. Indígena. In: Sistema Educativo Nacional de Brasil. Madri, 2002. ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERTO-AMERICANOS. Educação Escolar 9, p.116 – 121. Disponível em <http://www.oei.es/quipu/brasil/educ-indigena.pdf> acesso em 12/09/2001

MUKHINA, Valeria. Psicologia na idade pré-escolar. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PICOLLI, Luciana; CAMINI, Patrícia. Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade. Porto Alegre: Edelbra, 2013.

PICOLLI, Lbuciana; CAMINI, Patrícia. **Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade**. Porto Alegre: Edelbra, 2013.

PRADO, I. G. A. **O MEC e a reorganização curricular**. São Paulo em Perspectiva. Vol. 14, nº 1, 2000. p. 94 – 97.

SAVIANI, D. **Sobre a Concepção de Politécnica**. Rio de Janeiro, Fundação Osvaldo Cruz, 1989.

SOUZA, Claudete Cameschi de; PIO, Helder Candido. A Educação na Aldeia Bananal: IHI KÁXOTI KOPÉNOTI EMÔ’U. 42p. Monografia de Final de Curso (Graduação em Pedagogia) UFMS/Campus de Aquidau

TEBEROSKY Ana: **Debater e opinar estimulam a leitura e a escrita;**

<http://revistaescola.abril.com.br/língua-portuguesa/pratica-pedagogica/debater-opinar-estimulam-leitura-escrita-423497.shtml> acesso em 24/05/2013;

Educar para crescer. Emília Ferreiro

<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/emilia-ferreiro-306969.shtml>. Acesso em 25/05/2013; Psicogênese da língua escrita, de Emília Ferreiro e Ana Teberosky-

<http://letracao.wordpress.com/2009/12/25/psicogenese-da-língua-escrita-de-emilia-ferreiro-e-ana-teberosky/>. Acesso em 25/05/2013;

TEIXEIRA, Carmem Fontes. Metodologia da Pesquisa e Produção Científica. Editora: Inst. Souza Cruz; SP 2001.

TRONCARELLI, Maria, Cristina Cabral. Livro Alfabetização na Língua Mebêngôkre. Organizadora. Tucumã – Pa: Associação Floresta Protegida. 2015.

TURNER, Terence. 1991. **The MebengokreKayapó: history, social consciousness and social change from autonomous communities to inter-ethnic system**. Manuscrito inédito. Departamento de Antropologia. Universidade de Chicago. 337pp.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Sobre a questão do multilinguismo na infância. Tradução de Zoia Prestes. TEIAS, Rio de Janeiro, ano 6, n. 11-12, jan./dez. 2005. Disponível em: . Acesso em: 20 Fev. 2013.

VYGOTSKY, L, S, **Aprendendo Desenvolvimento do Processo sócio** – histórico Ed. Scipione 2004.

WILBERT, Johannes, e Karin Simoneau. 1984. **Folk literature of the Gêindians. Volume 2**. Los Angeles: UCLA, Latin American Center Publications.

**Mito e Vida dos índios Caiapós** - Anton Lukesh; Editora da Universidade de São Paulo; pp.

**Mito e Vida dos índios Caiapós** - Anton Lukesh; Editora da Universidade de São Paulo; pp. 19-06-11

<http://www.klickeducacao.com.br/enciclo/encicloverb/0,5977,por-4719,00.html>, consulta em 19/06/2011

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kayapo>, consulta em 19/06/2011

[http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB\\_verbetes/xirkin/A\\_pintura\\_corporal\\_xikrin.pdf](http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_verbetes/xirkin/A_pintura_corporal_xikrin.pdf), consulta em 19/06/2011

<http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/06/lider-caiapo-diz-que-havera-guerra-se-governo-insistir-em-fazer-belo-monte.html>, consulta em 19/06/2011

(Trabalho de Alessandra Lanius e Greice Hochmuller da disciplina Povos indígenas, educação e escola da Faculdade de Educação da UFRGS)

<http://povosindigenasedu.blogspot.com.br/20/11/07/povos-indigenas-kaiapo-ou-kayapo-ou.html>

<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/mebengokre-kayapo/182>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Caiap%C3%B3s>

<http://indigenasbrasileiros.blogspot.com.br/2015/12/kayapo.h>

<http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/troncos-e-familias>

[http:// www.Citador.pt.frases>citações >leitura](http://www.Citador.pt.frases>citações >leitura). 05 de fevereiro de 2018.

<http://www.klickeducacao.com.br/enciclo/encicloverb/0,5977,por-4719,00.html>, consulta em 19/06/2011

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kayapo>, consulta em 19/06/2011

## APÊNDICE

## INQUÉRITO DE ENTREVISTA: PROFESSOR

01. Nome
02. Endereço
03. Cidade
04. Estado
05. Sexo: (  ) Masculino (  ) Feminino
06. Idade: (  ) anos

### PERGUNTAS

- A) Quais as dificuldades encontradas pelo professor de Língua portuguesa no ensino bilíngue mebêngôkre?
  
- B) Em que circunstancia uma intervenção pedagógica via leitura e escrita favorece o ensino aprendizagem bilíngue?
  
- C) Qual a importância da leitura e escrita no processo do ensino e aprendizagem bilíngue?

D) A metodologia utilizada pelo professor favorece no processo ensino aprendizagem do ensino bilíngue?

Você aceitaria dar uma entrevista para esclarecer ou aprofundar questões sobre o tema? Para meu trabalho será de suma importância. Caso aceite indicar formas de contatos:

Data \_\_/\_\_/\_\_ 2017 horas \_\_/\_\_hs

Telefone:\_\_\_\_\_celular:\_\_\_\_\_

E-mail:\_\_\_\_\_

Desde já agradeço sua participação nesta pesquisa, por se tratar de um momento importante e decisivo na trajetória da minha vida pessoal e profissional.